



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
UNIDADE EDUCACIONAL PENEDO
GRADUAÇÃO EM TURISMO

GILVANETE SANTOS VIEIRA

POTENCIALIDADES DOS ASPECTOS CULTURAIS PARA O DESENVOLVIMENTO
DO TURISMO NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA TABULEIRO
DOS NEGROS, MUNICÍPIO DE PENEDO/AL

PENEDO/AL
2023

GILVANETE SANTOS VIEIRA

POTENCIALIDADES DOS ASPECTOS CULTURAIS PARA O DESENVOLVIMENTO
DO TURISMO NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA TABULEIRO
DOS NEGROS, MUNICÍPIO DE PENEDO/AL

Trabalho de Conclusão do Curso de Turismo, apresentado ao Curso de Turismo para obtenção do grau de Bacharelado em Turismo, pela Universidade Federal de Alagoas Campus Arapiraca Unidade Educacional Penedo, sob a orientação da docente Prof. Dr^a. Auceia Matos Dourado

PENEDO/AL
2023



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Unidade Educacional Penedo
Biblioteca Setorial Penedo - BSP

V658p

Vieira, Gilvanete Santos

Potencialidades dos aspectos culturais para o desenvolvimento do turismo na comunidade remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros, município de Penedo/AL / Gilvanete Santos Vieira. – Penedo, AL, 2023.

62 f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Auceia Matos Dourado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Unidade Educacional Penedo, Penedo, AL, 2023.

Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus Arapiraca*).

Referências: f. 58-60.

Apêndices: f. 61-62.

1. Identidade cultural. 2. Comunidade quilombola. 3. Turismo – Desenvolvimento local.
I. Dourado, Auceia Matos. II. Título.

CDU 338.48



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA – U. E. PENEDO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO DO TRABALHO: POTENCIALIDADE DOS ASPECTOS CULTURAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA TABULEIRO DOS NEGROS, MUNICÍPIO DE PENEDO/AL

Autoria: Gilvanete Santos Vieira.

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade monografia, submetido à banca examinadora designada pelo curso de Graduação em Turismo, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo por esta Instituição Federal de Educação Superior, em 26 de abril de 2023. Para os membros da Banca Examinadora, o Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado satisfatório e de significativa contribuição para a área do Turismo com abordagem de temática relevante. O trabalho deve passar pelas revisões conforme orientações dos membros da banca examinadora para publicação na biblioteca.

Nota: 9,0.

Conceito: Aprovado.

Banca Examinadora:

Auceia Matos Dourado
Orientador(a) Prof^º Dr^º Auceia Matos Dourado

Fabiana de Oliveira Lima
Professor Examinador (1) Prof^ª. Dra. Fabiana de Oliveira Lima

Eder Danilo Bezerra dos Santos
Professor Examinador (2) Prof. Dr^º. Eder Danilo Bezerra dos Santos.

A Deus e aos meus pais Genildo Vieira (*in memoriam*) e Mônica dos Santos, por me possibilitarem a busca por uma formação acadêmica e me incentivar e acreditar que seria capaz de concluir mais uma etapa de minha vida.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Santo Antônio pela minha vida, por ter me mantido na trilha certa durante minha graduação com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grata à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida. Em especial meus pais Monica e Genildo que sempre me incentivou e acreditou que seria capaz de superar os obstáculos que ocorreram durante minha vida.

Aos meus irmãos Genilson, Gilvania, Naiane e Givanildo por todo companheirismo e sempre estarem a disposição para quando eu precisar.

A minha orientadora Auceia Matos Dourado, que conduziu esse trabalho com paciência e dedicação, e sempre estava disponível para compartilhar seu conhecimento. Muito obrigada por todos os ensinamentos.

A todos os professores do Curso de Turismo, que desempenharam um excelente trabalho. Obrigada por todos os ensinamentos prestado durante todos esses anos que me permitiu apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação acadêmica. E a todos os colaboradores da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) por sua prestação de serviços e sempre está disponível para quaisquer eventualidades.

Aos meus colegas de turma, por compartilhar comigo tantos momentos de descobertas e aprendizados e por todo companheirismo ao longo do curso. Ao meu quarteto Elizabete, Itamara e Larisse por sempre ajudarem nos trabalhos acadêmicos e me deixarem participar da vida de vocês fora da universidade.

As minhas amigas de infância Lidiane e Mirely, pela cumplicidade e incentivo por sempre estarem comigo nos melhores e piores momentos de minha vida. Muito obrigada meninas.

E a todos familiares e amigos que sempre torceram por mim e estavam à disposição sempre que precisava, em especial Adrian e Falersson.

RESUMO

VIEIRA, Gilvanete Santos. **Potencialidade dos aspectos culturais para o desenvolvimento do turismo na comunidade remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros.** 2023.

Monografia (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal de Alagoas, Penedo, 2023.

As comunidades tradicionais vêm se destacando no ramo do turismo, como alternativa de visitação, por apresentarem em seu ambiente elementos particulares de sua cultura ligados à sua ancestralidade, e aos modos de ser e estar no território. Uma das ferramentas que podem ser trabalhadas dentro destas comunidades é o Turismo de Base Comunitária - TBC por se tratar de um mecanismo menos invasivo e ter a própria comunidade como mentora de todo processo do desenvolvimento da atividade. No trabalho em questão aborda-se sobre as potencialidades culturais que a comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros apresenta para desenvolver uma atividade no setor do turismo. Desta maneira apresentamos os diversos aspectos culturais presente na comunidade. O trabalho tem como objetivo apresentar os aspectos culturais presentes na comunidade quilombola Tabuleiros dos Negros como potenciais elementos para o desenvolvimento de uma atividade turística, de modo a contribuir para preservar e conservar suas manifestações culturais e sua identidade local. Como objetivos específicos destaca-se: apresentar os aspectos relativos à formação histórica; evidenciar os aspectos culturais da comunidade; identificar as potencialidades das comunidades tradicionais em relação ao desenvolvimento da atividade turística e analisar dados sobre as potencialidades da comunidade remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros para o desenvolvimento do turismo. A pesquisa tem como *locus* a comunidade remanescente de quilombo Tabuleiro do Negros pertencente ao município de Penedo/AL, certificada como comunidade quilombola pela Fundação Palmares em março de 2007. O trabalho foi desenvolvido tendo como norte a abordagem qualitativa e como metodologia de trabalho a revisão bibliográfica, pesquisa de campo, com uso de observações e entrevistas semiestruturadas. As falas dos entrevistados, serviram de base para análise das questões basilares do estudo, a saber: quais os principais aspectos culturais presentes na comunidade que podem ser explorados para compor um roteiro turístico tendo como base o TBC? Como os moradores percebem o desenvolvimento do turismo na comunidade? Quais as dificuldades encontradas para o desenvolvimento da atividade? Assim foi possível identificar que a comunidade é portadora de um acervo cultural significativa para desenvolver uma atividade turística no local e com o TBC, essa atividade terá enfoque para ampliar o conhecimento que a comunidade possui sobre o turismo, fortalecer vínculos culturais e o desenvolvimento de uma atividade que possa gerar emprego e renda. Contudo para que ocorra o desenvolvimento adequado de um determinado local, é preciso a integração da comunidade local, iniciativa privada e poder público, onde eles busquem melhoria na localidade, com iniciativa de um planejamento adequado para região.

Palavras-chave: identidade cultural. Comunidade quilombola. Turismo de Base Comunitária. Desenvolvimento local.

ABSTRACT

VIEIRA, Gilvanete Santos. **Potentiality of cultural aspects for the development of tourism in the remaining quilombola community Tabuleiro dos Negros.** 2023. Monograph (Bachelor in Tourism) – Federal University of Alagoas, Penedo, 2023.

The traditional communities have been highlighting in the tourism, as an alternative of visitation, for presenting in their environment particular elements of their culture between to their ancestry, and to the ways of being and being in the territory. One of the instruments that can be worked with these communities is the Community- Based Tourism - TBC, it's a less invasive mechanism and has the own community as a mentor in the entire process of developing the activity. This paper is about the cultural potential that the quilombola community Tabuleiro dos Negros has to development in the tourism. Therefore, we presente the various cultural aspects present in the community. This study aims to present the cultural aspects in the quilombola community Tabuleiros dos Negros as potential elements for the development of a tourist activity, and to contribute to preserve and conserve its cultural manifestations and your local identity. The specific objectives are: to present aspects of historical formation; show the cultural aspects of the community; identify the potential of traditional communities for tourism development and analyze facts about the remaining quilombola community Tabuleiro dos Negros for tourism development. This paper has locus the remaining community of the quilombo Tabuleiro do Negros in the municipality of Penedo/AL, certified as a quilombola community by the Fundação dos Palmares in March 2007. It was developed based on a qualitative approach and a bibliographical review and field research as work methodology, with the use of observations and semi-structured interviews. The interviewees' speeches served as the basis for the analysis of questions, such as: what are the main cultural aspects present in the community that can be explored to compose a tourist itinerary based on TBC? How do residents perceive the development of tourism in the community? What are the difficulties about in the development of the activity? In this way, it was possible to identify that the community has a significant cultural heritage to develop a tourist activity in the place and with the TBC, this activity will focus on expanding the knowledge that the community has about tourism, strengthening cultural ties and the development of an activity that create employment and income. However, for the proper development of a given location to occur, it is necessary to integrate the local community, private initiative and the public power, to improvements are sought in the location, with adequate planning initiative for the region.

Key-words: cultural identity. Quilombola community. Community-Based Tourism. Local development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa das comunidades quilombolas certificados no Brasil. 2020.....	16
Figura 2 - Mapa das comunidades quilombolas de Alagoas. Estado de Alagoas. 2021.	18
Figura 3 - Mapa da comunidade Tabuleiro dos Negros. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2020.	20
Figura 4 - Rua principal da comunidade Tabuleiro dos Negros. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2022.	21
Figura 5 – Alguns equipamentos urbanos do povoado. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.	22
Figura 6 - Centro comunitário gov. Moacir Andrade. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.	23
Figura 7 - Casa de taipa do Sr. Manoel. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.	23
Figura 8 - Casa do Sr. Deca (modificada). Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.	24
Figura 9 - Casa de farinha do sr. Jonas. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo - AL. 2022.....	24
Figura 10 - Casa de farinha da Sra. Neu. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de.25	
Figura 11- Apresentação do coco de roda em frente à igreja de São Pedro. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2021.	34
Figura 12 - Mulheres em uma das etapas da mandioca (retirando a casca da mandioca) para fazer a farinha. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2022.....	35
Figura 13 - Bolo de massa puba ou (bolo da semana santa). Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2022.	36

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Normas utilizadas para transcrição das entrevistas.

LISTA DE SIGLAS

CPISP - Comissão Pró-Índio de São Paulo.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

MTUR – Ministério do Turismo.

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação.

TBC - Turismo de Base Comunitária.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL E EM ALAGOAS.....	14
2.1 Formação histórica das comunidades quilombolas no Brasil e em Alagoas.....	14
2.2 Evolução histórica da comunidade Tabuleiro dos Negros e seu processo de reconhecimento	19
3. CULTURA, IDENTIDADE E TRADIÇÃO QUILOMBOLA.....	29
3.1 Cultura, tradição e identidade.....	29
3.2 Expressões culturais da comunidade Tabuleiro do Negros	32
4. POTENCIALIDADES TURÍSTICAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS	38
4.1 Comunidades quilombolas e suas contribuições para o turismo	38
4.2 Turismo de Base Comunitária como ferramenta de desenvolvimento local.....	39
5. METODOLOGIA DA PESQUISA	42
6. A COMUNIDADE TABULEIRO DOS NEGROS E AS PERSPECTIVAS PARA DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	45
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	61
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista	61
APÊNDICE B – Termo de Concessão de Informações	62

1. INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas se diferenciam das demais comunidades, por apresentarem aspectos na sua organização social que remete a vivência de seus ancestrais. Essa vivência está assentada sobretudo na cultura, que se expressa por meio dos costumes, tradições, crenças, ritos, vestimentas, culinária, ou seja, nos modos de ser e estar no território.

Estas comunidades representam resistência a diferentes formas de dominação e preservam seus costumes e cultura, mantendo uma importante ligação com sua história. Para os quilombolas, seu território faz parte de sua identidade. (ALAGOAS, 2015, p. 7).

Assim, acredita-se que as comunidades quilombolas possuem potencialidades culturais significativas que podem contribuir para o seu desenvolvimento local e fortalecimento da sua identidade cultural, social e territorial.

Uma das atividades que podem contribuir para esse desenvolvimento, com respeito a cultura local e seus atributos, é a atividade turística, sobretudo no modelo de Turismo de Base Comunitária – TBC, que é aqui entendido como “[...] um modelo no qual a cultura e os modos de vida locais são a principal motivação da visita, fazendo um intercâmbio cultural entre o turista e a comunidade [...]” (MTUR, 2010, p. 16). Destarte “[...] o viver da própria comunidade faz com que o entorno se torne um atrativo ao TBC.” (ALEXANDRE, 2018, p. 70), contrapondo-se ao turismo massificado.

A comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros pertence ao município de Penedo e está situada no litoral sul de Alagoas. Ela foi reconhecida como remanescente de quilombo, pela fundação Cultural Palmares em março de 2007 (ALAGOAS, 2021).

Na atualidade, a comunidade se caracteriza pela forte presença das práticas de cultivo da mandioca, do milho, do feijão e das ervas medicinais como um traço cultural, além da preservação de outras manifestações como a dança do coco-de-roda e as festas religiosas em geral (celebrações da semana santa e festas católicas). Soma-se as tais manifestações, outras práticas que passaram a ser estimuladas sobretudo a partir do processo de reconhecimento como o Dia da Consciência Negra, que já faz parte do calendário festivo da comunidade e que conta com a participação dos jovens nas apresentações e organização do evento (SANTOS; DOURADO, 2022).

Assim, as particularidades de sua formação territorial e o incentivo às práticas culturais, nesta localidade se colocam como ponto de partida para os questionamentos da pesquisa a

saber: as práticas culturais e sociais da comunidade poderão ser uma alternativa de incremento de renda? A atividade turística pode ser desenvolvida na comunidade? Que tipo de turismo a comunidade pode desenvolver? Quais as práticas culturais mais significativas na comunidade? O dia a dia da comunidade, seus saberes e fazeres são aspectos que podem ser explorados no desenvolvimento da atividade turística? O TBC, pode ser uma alternativa viável? Quais os principais problemas que a comunidade apresenta que poderiam dificultar o desenvolvimento de tal modalidade de turismo?

Há na comunidade alguns aspectos culturais e naturais que podem ser explorados para o desenvolvimento do turismo como base o TBC, que são as manifestações culturais e religiosas; as nascentes de águas cristalinas; a mandiocada; a gastronomia, o modo de saber e fazer, as histórias e as expressões populares. Os moradores acreditam que o turismo pode beneficiá-los por se tratar de uma atividade que pode movimentar o povoado, gerando emprego e renda. Vislumbram também que através da atividade desenvolvida na comunidade, possa-se resgatar manifestação que foram extintas como a capoeira, o pastoril e o guerreiro.

Considerando os questionamentos, o trabalho em questão tem como objetivo apresentar os aspectos culturais presente na comunidade quilombola Tabuleiros dos Negros como potenciais elementos para o desenvolvimento de uma atividade turística, de modo a contribuir para preservar e conservar suas manifestações culturais e sua identidade local, no modelo de TBC na comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros, município de Penedo/AL.

Para operacionalização do trabalho, o objetivo geral foi desdobrado em outros objetivos, de caráter secundário, quais sejam:

- apresentar os aspectos relativos à formação histórica da comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros;
- evidenciar os aspectos culturais da comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros;
- identificar as potencialidades das comunidades tradicionais em relação ao desenvolvimento da atividade turística;
- analisar dados sobre as potencialidades da comunidade remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros para o desenvolvimento do turismo.

A metodologia do trabalho contempla um levantamento bibliográfico sobre os trabalhos já realizados em outras comunidades quilombolas, com observação *in loco* e entrevistas semiestruturada. A pesquisa é de caráter exploratório-descritivo e abordagem qualitativa, com análises das falas, tendo em vista o cumprimento dos objetivos da pesquisa.

O trabalho se justifica pela compreensão de que, a implementação da atividade turística sobretudo no modelo do TBC, com o envolvimento e participação da comunidade, pode

contribuir para a promoção do seu desenvolvimento, com a criação de emprego e renda, de modo a barrar a migração que ocorre no povoado, em função da falta de emprego.

O trabalho está estruturado em cinco partes além das considerações finais e referências utilizadas. No primeiro tópico está a introdução. O segundo tópico, discorre sobre formação histórica das comunidades quilombolas no Brasil e em Alagoas, retratando como se deu a origem de tais comunidades quilombolas e sua formação histórica ao longo do tempo. De modo específico, discorre-se sobre a evolução histórica da comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros e seu processo de reconhecimento.

O terceiro tópico, descrito como cultura, identidade e tradição quilombola, traz aspectos referentes a cultura, tradição e identidade de forma geral, ressaltando a importância das raízes culturais para identidade cultural e o modo de vida das comunidades quilombolas em Alagoas, para assim chegar na comunidade Tabuleiro dos Negros, destacando suas principais características e expressões culturais (organização social, territorial e cultural).

O quarto tópico, trata sobre as potencialidades culturais da comunidade Tabuleiro dos Negros, como possíveis produtoras de um desenvolvimento em torno da atividade turística, ligadas ao modelo do TBC. Essa atividade turística poderá trazer benefícios para a comunidade, além fortalecer sua identidade cultural. Esse capítulo também relata sobre as comunidades quilombolas e suas contribuições para o turismo, utilizando o TBC como ferramenta desenvolvimento local. O quarto tópico, aborda sobre a metodologia utilizada durante a pesquisa.

No quinto e último tópico discorre-se sobre a comunidade Tabuleiro dos Negros e as perspectivas para o desenvolvimento do TBC na comunidade, tendo como base os dados colhidos por meio das entrevistas, dados estes que respaldam os objetivos propostos pelo trabalho.

2. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL E EM ALAGOAS

2.1 Formação histórica das comunidades quilombolas no Brasil e em Alagoas

O processo de escravidão no Brasil iniciou-se em meados de 1530, quando a colonização é efetivamente implantada e surge a necessidade de mão de obra para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar. No início da colonização os índios nativos foram utilizados sobretudo para a retirada do pau-brasil e posteriormente foram substituídos por africanos trazidos para o Brasil por meio do tráfico negreiro.

Inicialmente a utilização da mão de obra indígena foi a solução encontrada pelos portugueses, pois era a única mão de obra disponível. Contudo com a resistência dos jesuítas, a escravização dos indígenas e o desenvolvimento de ciclos econômicos diferentes da extração da madeira, recorreu-se ao tráfico negreiro como alternativa para suprir a mão de obra.

Os primeiros africanos chegaram ao Brasil em meados de 1550, um comércio bastante lucrativo tanto para os traficantes de escravos, quanto para a coroa portuguesa. Esses africanos atenderam principalmente as demandas da produção de açúcar nos engenhos. A vida dos escravos era caracterizada por longas jornadas de trabalho exaustivo e violência por parte dos senhores de engenho.

Assim, a formação dos quilombos foi um recurso encontrado pelos negros diante da opressão do período de escravidão. Os fugitivos muitas vezes escapavam em pequenos grupos ou individualmente. A fuga para os quilombos era uma forma de resistência, abandonando dessa forma a opressão vinda de seus senhores. Nestes territórios reconstruíam sua vida e resgatavam a cultura que deixaram em seu país de origem.

A escravidão no Brasil foi abolida em 1888, libertando os escravos oficialmente de tal condição vivida durante séculos, sendo que o Brasil foi último país a abolir a escravidão no continente americano. A lei Áurea de 1888, garantiu a liberdade, mas não foi capaz de estender aos recém libertos direitos essenciais. Soma-se as dificuldades de sobrevivência, o preconceito que até hoje é visível em nossa sociedade e a falta de políticas públicas eficientes para integrar economicamente os descendentes de negros escravizados.

De acordo com Araújo (2009, p.134) “O Brasil [...] importou o maior número de africanos escravizados na América [...]. [E com] a abolição, o estado não forneceu terra aos escravos, nem nenhum tipo de compensação financeira.” Os escravos libertos saíram das fazendas de seus senhores sem nenhuma compensação, pôr os anos de trabalho nas lavouras e

“jogados à própria sorte”, muitos seguiram para as cidades, alojando-se nas áreas periféricas ou em terras devolutas do Estado.

Os escravos libertos, que permaneceram no campo, enfrentaram novos desafios, pois sem acesso ao estudo e à terra, foram obrigados a aceitar os salários baixos oferecido pelos grandes proprietários para poder sustentar suas famílias.

Segundo Fernandes (2016, p. 40) “A organização dos quilombos no Brasil teve a sua formação no mesmo período histórico que os quilombos africanos.” Os quilombos destas regiões possuem o mesmo formato de organização, pois o maior número de escravos refugiados nos quilombos foi trazido da África. Assim conservaram sua própria forma de organização social e cultural (costumes, gastronomia, manifestações religiosas, sistemas produtivos etc.) (FERNANDES, 2016).

Para Cheibub (2015, p. 29) “[...] os quilombos não eram lugares habitados apenas por negros fugidos, mas constituídos também por pessoas excluídas da sociedade, na época do sistema escravista, como índios e brancos pobres.” Os quilombos acolhiam todos os que precisassem de abrigo independentemente da raça. Havia uma organização espacial voltada para a proteção do espaço, com cercas e armadilhas ao redor dos acampamentos para a proteção dos quilombolas. Era também nos quilombos onde se organizavam as estratégias de segurança e planos para resgatar outros escravos. Geralmente existia uma liderança e a presença do trabalho comunitário. (CHEIBUB, 2015).

Enquanto comunidade, com uma forma de organização própria, os quilombos expressam a resistência de uma etnia. Ainda no período da escravidão era um local onde a liberdade era possível de ser conquistada e após a libertação, esse espaço também passou a significar a possibilidade de sobrevivência e manutenção da cultura.

O termo quilombola ou comunidades remanescentes dos quilombos foi uma conquista para a valorização da história e memória das comunidades quilombola, alcançado através da constituição de 1988, que promoveu modificações na forma como as comunidades negras descendentes de escravos passaram a lidar com sua identidade. A busca pela manutenção da cultura, a resignificação das tradições ou mesmo incorporação de práticas ligadas ao processo de reconhecimento atestam o fortalecimento dessa identidade.

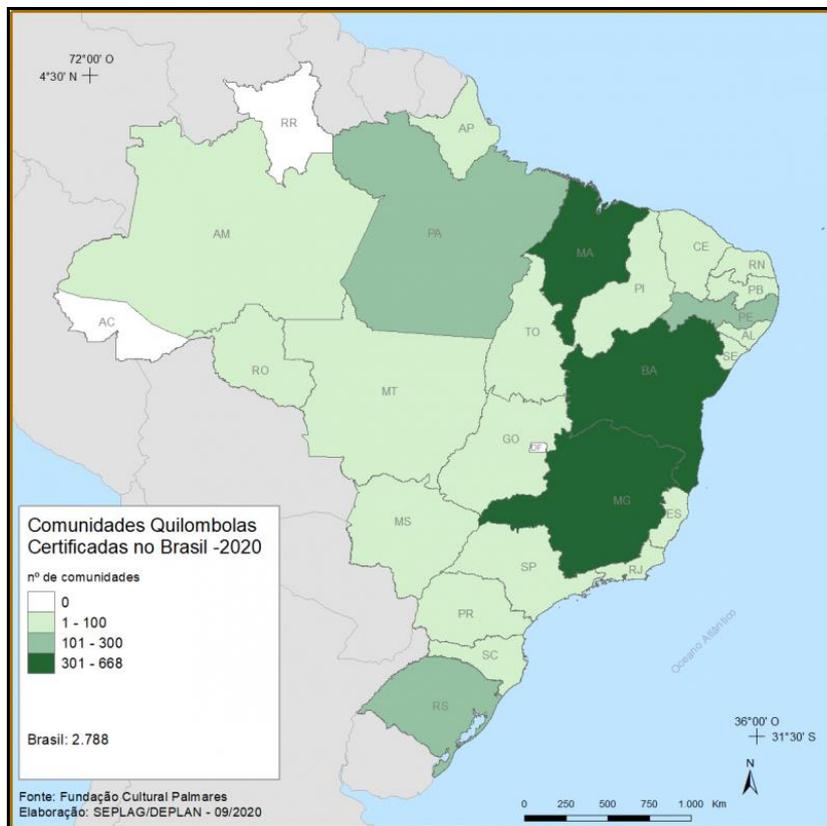
O tema quilombola só entrou em pauta das políticas públicas do Governo Federal, a partir da constituição Federal de 1988, através da mobilização de organizações sociais. Foi através desta constituição, mais especificamente no Art. 68, que as famílias remanescentes de quilombos vislumbraram a possibilidade de obtenção dos títulos de posse de terra e o reconhecimento do Estado pela luta de sua trajetória.

Nesse mesmo ano o Estado criou a Fundação Cultural Palmares, a primeira instituição pública voltada à promoção e preservação da arte e cultura afro-brasileira. Esses mecanismos possibilitaram uma maior visibilidade das comunidades do ponto de vista institucional no que diz a reivindicação dos seus direitos.

A titulação de posse de terras coletiva das comunidades remanescentes quilombolas é uma política que contribui para reparação da história de desigualdade no acesso a terras quilombolas. Mas essa política de territorialização vem atendendo poucas comunidades comparado ao número de comunidade certificadas pela Fundação Cultural Palmares.

No Brasil as comunidades quilombolas estão localizadas em 24 estados com exceção do Acre e Roraima, sem o registro oficial de tais comunidades. O estado de Alagoas possui aproximadamente 69 comunidades remanescentes de quilombos certificada pela Fundação Cultural Palmares, sendo que a maioria das comunidades estão localizadas na zona rural. A figura a seguir mostra as comunidades quilombolas certificadas no Brasil até a presente data (FIGURA1).

Figura 1- Mapa das comunidades quilombolas certificados no Brasil. 2020



Fonte: Fundação Cultural Palmares, 2020.

No Brasil, conforme dados disponibilizados pela Fundação Cultural Palmares, existem 2.898 comunidades certificadas, distribuídas por todas as regiões do país. A maioria das comunidades estão situadas na região Nordeste, distribuídas nos nove estados. O estado da Bahia concentra aproximadamente 611 comunidades remanescente quilombola certificadas, obtendo o maior número de comunidades certificada do Brasil e o Maranhão concentra cerca de 603, são os dois estados brasileiros que mais possuem comunidades certificadas.

Alagoas é um estado marcado pela história do maior quilombo do período colonial, o Quilombo dos Palmares, situado na Serra da Barriga, que foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN no ano de 1985.

De acordo com Fernandes (2016, p.42):

[...] após a destruição dos Palmares, a forma de organização quilombola não desapareceu, ela se disseminou aos interiores, nas matas e sertões desta região, na formação de vários mocambos, e que hoje são denominados de comunidade quilombolas.

Essa forma de organização se disseminou para as comunidades, no que diz respeito a organização do trabalho, ao uso do espaço e as sociabilidades (disposição das casas, uso de quintais, formas de trabalho, preparo dos alimentos, festas, ritos, crenças etc.).

Um dos traços marcantes das comunidades quilombolas é a resistência, resistência esta que se inicia no período da colonização das terras brasileiras e que se estende até os dias atuais. A luta perpassa pela manutenção da identidade cultural e pela defesa e manutenção do território. A identidade assim se assenta nessa resistência: a princípio para construir esse território e *a posteriori* para manter a terra e as tradições.

Fernandes (2016, p. 38) define as comunidades quilombolas a partir de duas categorias centrais:

[...] as comunidades quilombolas são definidas por duas categorias centrais: o **modo de vida camponês**, que levam consigo a bandeira de luta pela terra e reforma agrária; e as **relações étnico-raciais**, como categoria social que determinam as relações cotidianas da população negra e propõem a ela a luta contra o racismo e a busca por equidade no acesso aos serviços e na garantia de seus direitos. Ambas as categorias apresentam-se como cernes das relações de dominação que historicamente se produziram no Brasil. (Destaque nosso).

As comunidades quilombolas tem uma ligação muito forte com a terra, o espaço onde vivem, pois é por meio dela que retiram parte do sustento necessário para sobrevivência. Assim existe uma relação de pertencimento, ao espaço conquistando que se funda na luta, na resistência e nas constantes estratégias de permanência. As populações dessas áreas, quer sejam

De acordo com os dados da Fundação Palmares (2021) o número de comunidades certificadas vem aumentando gradativamente em todo território brasileiro, totalizando aproximadamente 2,2 milhões de quilombolas.

2.2 Evolução histórica da comunidade Tabuleiro dos Negros e seu processo de reconhecimento

A comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros pertence ao município de Penedo/Alagoas, cidade localizada às margens do rio São Francisco e fundada no século XVI. O município possui comunidades tradicionais, com formas próprias de organização social, dentre elas, duas comunidades quilombola: uma na área urbana, conhecida como Oiteiro e outra na área rural, o Tabuleiros dos Negros.

O Tabuleiros dos Negros teve sua origem no período escravocrata e se formou a partir de escravos que fugiram para se instalar nesta região dando origem ao povoado. Não se sabe ao certo quem foram os primeiros habitantes da região. Os registros são realizados pelos relatos de memória dos habitantes, sendo que alguns divergem entre si. Contudo, mesmo com histórias diferentes, alguns pontos são semelhantes, como a origem do nome do povoado e o conflito que gerou o surgimento do cemitério que ainda hoje é utilizado pela comunidade. Sobre a origem do nome do povoado, as fontes orais relatam que o nome “Tabuleiro” surgiu em função do relevo da região, caracterizada por uma área plana, que em períodos de chuva é inundada, e “dos Negros” pelo fato deles terem sido os primeiros a se apropriar do local.

Já o surgimento do cemitério se deu em função de um conflito entre os senhores de engenho, a polícia e os quilombolas, que se negavam a continuar na condição de submissão. Os senhores de engenho queriam a manutenção da exploração da mão de obra quilombola para trabalhar em suas lavouras, mas os quilombolas se opuseram à ideia.

Assim os relatos orais registram que as partes resolveram marcar um encontro para solucionar a questão e quando chegaram ao local (onde hoje se situa o cemitério) encontraram a polícia como mediadora das negociações. Os quilombolas não satisfeitos com as negociações travaram uma luta com a polícia, o que resultou em mortes entre os dois grupos, sendo que os corpos dos quilombolas foram enterrados no local.

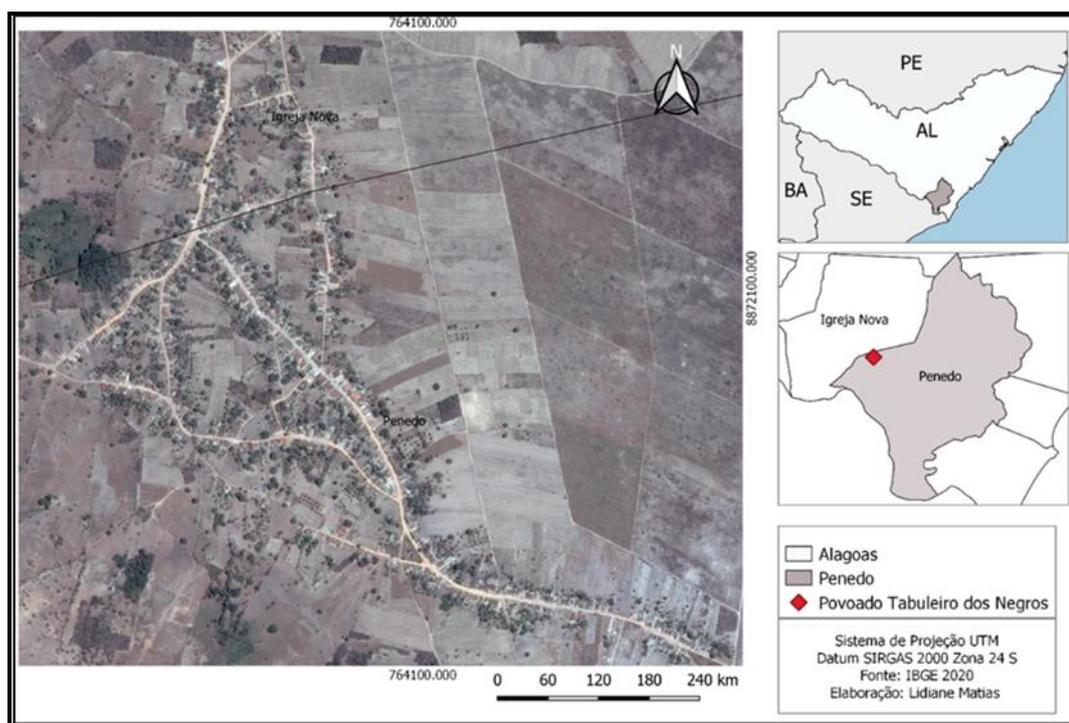
Araújo (2019, p.62), também descreve o episódio:

Quando foram encontrados, os rebeldes travaram uma dura batalha com o grupo do senhor de engenho, resultando em muitas mortes dos opressores. Ao perceber que o grupo estava disposto a lutar pela liberdade e poderia perdê-los, o senhor abriu-se à negociação.

Até hoje o cemitério continua sendo utilizado pela comunidade, mas poucas pessoas conhecem sua história e assim como esta, outras também estão guardadas na memória dos mais velhos da comunidade, a exemplo da história das fontes de água, do engenho e da Igreja de São Pedro, a mais antiga da comunidade.

A comunidade Tabuleiro dos Negros está situada entre as cidades Igreja Nova e Penedo, e seu acesso principal se dá por meio da AL 110, adentrando a uma estrada de chão. A distância entre o Tabuleiro e a cidade de Penedo é de aproximadamente 15 km. Em meio a plantações de cana-de-açúcar encontra-se a estrada de barro que se estende até a comunidade. O mapa a seguir mostra a comunidade do Tabuleiro dos Negros (FIGURA 3).

Figura 3 - Mapa da comunidade Tabuleiro dos Negros. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2020.



Fonte: IBGE, 2020.

Org.: MATIAS, Lidiane (2020).

O povoado possui somente uma rua pavimentada onde estão situados os principais equipamentos urbanos. As demais ruas são de chão batido, com alguns trechos esburacados e estreitas, o que dificulta a circulação de automóveis, contudo as ruas do povoado se interligam havendo uma facilidade para locomoção. A imagem a seguir mostra a rua principal da comunidade Tabuleiro dos Negros (FIGURA 4).

Figura 4 - Rua principal da comunidade Tabuleiro dos Negros. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.
Autor: SANTOS (2022).

A comunidade possui uma unidade de saúde básica que atende a população local e outros povoados vizinhos. A unidade fica próximo da antiga escola da rede estadual, que funcionava nos três turnos, e que foi desativada em 2012. A desativação da escola foi um prejuízo para a comunidade pois os jovens precisam se deslocar para outros municípios que oferecem o ensino médio, a exemplo de Penedo e Igreja Nova.

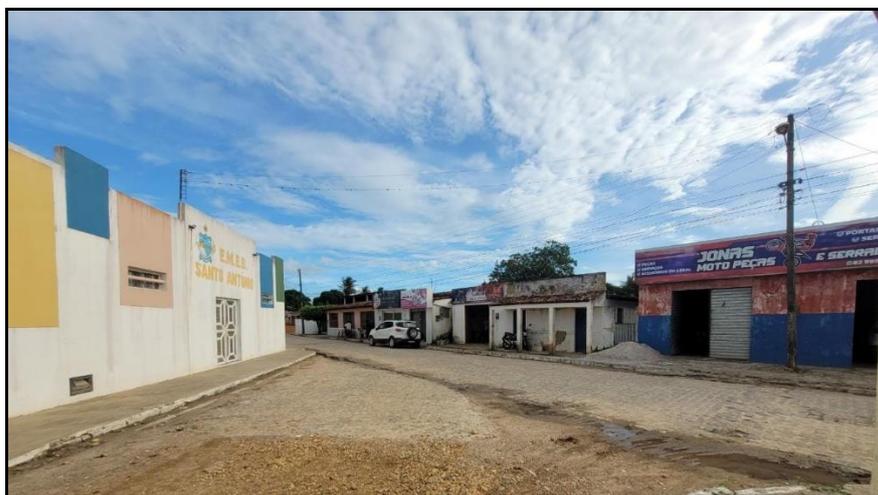
O Tabuleiro possui seis igrejas, sendo três templos católicos e três templos evangélicos, situados em pontos estratégicos da comunidade. Não se observa na paisagem do povoado alusão às religiões de matrizes africanas, embora os relatos orais indiquem a presença das rezadeiras e do uso de plantas medicinais que acompanham a história do povoado.

Na parte central do povoado encontra-se um pequeno comércio com supermercado, farmácia, serralheria, borracharia, lanchonete, hortifrutí, casas de farinha¹ e a única escola de ensino básico da comunidade, a Escola Municipal de Ensino Básico Santo Antônio, que atende crianças do ensino infantil (creche, pré-escola) e ensino fundamental (1º até 5º ano) com a faixa etária entre 3 e 11 anos respectivamente. A figura a seguir mostra um pequeno comércio, que

¹ A comunidade possui várias casas de farinha, que geralmente ficam nos quitais das casas. Esses equipamentos são utilizados para produção de farinha e outros derivados da mandioca. O uso do equipamento é coletivo e há um pagamento em produto (farinha).

fica localizado na parte central do povoado com alguns equipamentos urbanos já mencionados no texto (FIGURA 5).

Figura 5 – Alguns equipamentos urbanos do povoado. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.
Autor: VIERA (2023).

A comunidade não possui um local apropriado para receber visitantes/turistas, ou seja, um espaço onde se possa realizar atividades coletivas ou em grupos maiores. Assim, quando há necessidade para reunir os moradores da comunidade, as reuniões são feitas no galpão ao lado da Igreja de São Pedro, a maior igreja do povoado. Antigamente, os moradores utilizavam o centro comunitário do povoado para as reuniões e ensaios de algumas manifestações culturais. Contudo o espaço atualmente está desativado e se deteriorando por não ter iniciativas que invistam em sua conservação. É mais uma estrutura que a comunidade pode perder por falta de manutenção, assim como ocorreu com o clube de mães, chafariz e a escola da rede estadual. A imagem a seguir mostra o centro comunitário construído na gestão do então governador Moacir Andrade e que recebeu seu nome (FIGURA 6).

Figura 6 - Centro comunitário gov. Moacir Andrade. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.
Autor: VIERA (2023).

As casas da comunidade na grande maioria são de alvenaria, contudo, algumas casas ainda possuem características das casas mais antigas que eram feitas de taipa, semelhantes as casas de farinha ainda presentes na região. A figura a seguir mostra o formato original das casas da comunidade, (Figura 7). A casa do Sr. Manoel é única casa da comunidade que permanece com as mesmas características das casas antigas e sem nenhuma modificação na sua estrutura. Já na figura 8 temos um exemplo de uma das casas que foram modificadas (calçada e telhado).

Figura 7 - Casa de taipa do Sr. Manoel. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.
Autor: VIERA (2023).

Figura 8 - Casa do Sr. Deca (modificada). Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2023.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.
Autor: VIERA (2023).

As casas de farinhas, assim como as casas de taipa, estão sendo modificadas, com mudanças em seu assoalho (cimento) e retirada do revestimento em barro, que é uma característica marcante do tempo dos escravos. Desata-se, contudo, que ainda é possível encontrar ferramentas e instrumentos antigos de trabalho como a prensa feita de madeira e o cocho (vasilha feita para colocar a massa peneirada para em seguida ir ao forno). Geralmente os instrumentos encontrados nas casas de farinha são fabricados de madeira (FIGURAS 9 e 10).

Figura 9 - Casa de farinha do sr. Jonas. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo - AL. 2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.
Autor: SANTOS (2022).

Figura 10 - Casa de farinha da Sra. Neu. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo - AL. 2023.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Autor: VIERA (2023).

A população se locomove através dos veículos públicos da própria comunidade e de outros de comunidades vizinhas que circulam pelo povoado. Apesar da comunidade ser um dos maiores municípios da cidade de Penedo, a locomoção deixa a desejar, pois, não possui transporte suficiente em todos os horários. Pela manhã o número de ônibus que vai para cidade é maior, diminuindo no período da tarde e à noite somente há o transporte escolar destinado ao transporte dos estudantes para a sede do município. Em período de recesso escolar, a comunidade fica totalmente desassistida em relação ao transporte noturno.

Todas as casas possuem água encanada e energia elétrica. A comunidade também possui uma caixa de água para o armazenamento e distribuição interna e próximo à mesma encontra-se um chafariz inativo, que era utilizado antigamente pela comunidade. A coleta de lixo é realizada duas vezes por semana e o esgotamento sanitário por meio da fossa séptica.

A população trabalha no cultivo de milho, feijão e mandioca, e nas usinas da região. Um dado sobre o povoado e que se assemelha a muitas comunidades rurais, é o êxodo rural, no período de entressafra da cana. A falta de trabalho obriga esses moradores, sobretudo os mais jovens, a buscar trabalhos em outros estados, principalmente no estado de Minas Gerais. Os moradores que permanecem na comunidade são na grande maioria aposentados ou pensionistas, cuja renda garante a permanência no povoado.

A comunidade, por ser remanescente quilombola, possui alguns benefícios, como desconto na conta de energia, cestas básicas e aquisição de sementes etc. A grande maioria da população é cadastrada para recebimento do Bolsa Família e recebem também o benefício do Seguro Defeso². Apesar da comunidade possuir alguns benefícios, eles não são suficientes para suprir as necessidades dela. Em conversas informais, ficou claro que de certa forma, a população se sente esquecida pelos governantes. Muitos não sabem os direitos que os quilombolas possuem, nem o que é ser um quilombola.

A infraestrutura do povoado é deficitária. A iluminação pública é insuficiente, não há pavimentação na maioria das ruas. Os episódios de furto e roubo, ainda que esporádicos, ocorrem, o que impede muitas vezes os moradores de usufruíram de hábitos simples e corriqueiros como sentar à frente de casa para conversar.

Assim essa, realidade contrasta com o que diz a Constituição Federal, que assegura às comunidades certificadas como remanescente quilombola, benefícios e ações específicas nas áreas de educação, saneamento básico, desenvolvimento agrário, direitos humanos, sustentabilidade, defesa jurídica, trabalho, renda e segurança alimentar (BRASIL, 1988).

A comunidade cultiva mandioca, milho e feijão, em terrenos geralmente contíguos as casas e cuja produção é destinada ao consumo. Um ponto a ser destacado são disputas territoriais com as usinas de cana-de-açúcar que circundam o povoado, pois há uma pressão constante pela compra dos terrenos dos quilombolas pelas referidas empresas.

O Tabuleiro dos Negros foi reconhecido oficialmente como remanescente de quilombo, em março de 2007, sendo certificada pela Fundação Cultural Palmares que é a instituição responsável pela realização dos trâmites necessários para emissão da certidão de reconhecimento. Os atos referentes a certificação da comunidade, estão expostos na portaria de certificação (01420.000138/1998-63) e registrados no livro de cadastro geral n. 09, registro n. 925, fl. 39, em 01/03/2007, tendo sido publicada no Diário Oficial da União em 13/03/07, seção 1 n° 49 – folha 06 e possui 425 famílias (ALAGOAS, 2021). De acordo com a Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio – SEPLAG:

Em 20 de Novembro de 2003, foi promulgado o decreto n° 4.887, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Um dos seus importantes desdobramentos

² É o benefício concedido ao pescador profissional artesanal durante o período de defeso da atividade pesqueira para a preservação das espécies, conforme disposto na Lei n° 10.779, de 25 de novembro de 2003.

refere-se aos critérios de autoatribuição na identificação destas comunidades. (ALAGOAS, 2015).

Para a certificação de uma comunidade quilombola é necessário seguir algumas etapas:

- a) requerimento da certificação: a comunidade deve enviar para Fundação Palmares uma solicitação emitida por um representante atestando o auto reconhecimento da mesma e após a análise de seus documentos os mesmos serão anexados ao processo;
- b) ata de reconhecimento: após uma reunião realizada na comunidade para o auto reconhecimento a ata deve ser assinada pelo representante da comunidade ou por no mínimo cinco pessoas que estejam presentes e que se reconheçam como quilombola;
- c) relatório histórico cultural da comunidade: que pode ser elaborado através dos relatos dos moradores mais velhos ou documentos obtidos em cartório e documentos públicos. No relatório pode constar as principais atividades realizadas na comunidade, manifestações culturais, descrição das primeiras famílias residentes no local, além da inclusão de fotografias antigas da comunidade, bem como registros atuais que atestam sua evolução.

A certificação é importante para as comunidades quilombolas, pois é a partir dela que a comunidade terá acesso às políticas públicas e a titularidade da terra que é emitida pelo INCRA. A titulação assegura aos quilombolas a garantia de posse do território e a autonomia da comunidade. Contudo a efetivação dessa titulação, só é possível após um levantamento territorial e estudos antropológicos e históricos, para ajustar demarcação da área a ser titulada. Após essa etapa a Fundação Palmares disponibiliza:

[...] assistência jurídica em diferentes níveis, visando à defesa do território contra invasões ou qualquer outro tipo de violência. Seu papel, portanto, é formalizar a existência das comunidades quilombolas, assessorá-las juridicamente e desenvolver projetos, programas e políticas públicas de acesso à cidadania, conforme estabelecido no decreto nº 4.887 – não por acaso, de 20 de novembro de 2003. (BRASIL, 2021)

A titulação de terras é um processo longo e burocrático. Após o contato com o INCRA do estado, direciona-se os esforços para realização de um estudo que viabiliza à elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território. Em seguida analisa-se os dados coletados para preparação para o relatório final. Após a apreciação do relatório e aprovação pelo INCRA, publica-se a portaria de reconhecimento que declara os limites do território quilombola. Como parte do processo, os não quilombolas devem ser removidos das

terras demarcadas e os imóveis particulares desapropriados. Só a partir dessas etapas, é que a comunidade adquire o título de propriedade das terras. A Comissão Pró-Índio de São Paulo - CPISP mostra detalhadamente os trâmites para obter a titulação de posse de terra:

1. Autodefinição: a comunidade recebe um certificado de autorreconhecimento emitido pela Fundação Palmares (ligada ao Ministério da Cultura) e então pleiteia junto ao Incra a titulação do seu território;
2. Relatório Técnico de Identificação e Determinação: especialistas do setor público e privado realizam estudos geográficos e culturais para determinar a área ocupada pelo território e o apresentam ao Incra;
3. Publicação do relatório: o resultado do relatório é apresentando, e as partes interessadas no território que será titulado, como posseiros e quilombolas, têm, em até 90 dias, o direito de contestar as conclusões do documento, apresentando recurso no Incra;
4. Diário Oficial: o presidente do Incra publica um decreto no Diário Oficial da União, acolhendo o relatório publicado e reconhecendo os limites da área do território;
5. Desapropriação: quando a terra que será titulada já é ocupada por outras pessoas, o presidente da República assina um decreto de desapropriação da área por interesse social. Antigos proprietários recebem indenização;
6. Titulação: o presidente do Incra emite o título coletivo de posse da área, que é registrada no nome da associação de moradores da comunidade quilombola. A venda ou penhora da área são proibidas. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

A certificação é um processo de extrema importância para a comunidade pois é por meio dela que direitos e garantias são estendidos à população. Contudo convém destacar que grande parte dos moradores da comunidade Tabuleiro dos Negros, tem ciência sobre o processo como um todo. De acordo com Santos (2022, p. 8) “O reconhecimento da comunidade é um fato [...], mas ainda é minoritariamente debatido pelos moradores locais, muito pouco se sabe entre os mais jovens como aconteceu, quem participou e qual o caminho foi traçado para o alcance de tal feito.”

Como contraponto a essa questão, destaca-se o papel da escola Municipal de Ensino Básico Santo Antônio, que desenvolve alguns projetos sobre o que é ser quilombola, direitos e deveres da etnia, valorização do Dia da Consciência Negra, como forma de fortalecer a identidade social e coletiva e a valorização do território.

O processo de reconhecimento tem ainda a potencialidade de promover uma reflexão sobre o sentido de ser quilombola e o fortalecimento da identidade cultural e territorial. Nesse sentido as ações de fortalecimento da identidade social, cultural e territorial são entendidas como uma potência essencial que pode promover ações voltadas a manutenção da cultura local e para o desenvolvimento da comunidade.

3. CULTURA, IDENTIDADE E TRADIÇÃO QUILOMBOLA

3.1 Cultura, tradição e identidade

A cultura é um conceito bastante complexo, sendo estudado por vários autores desde a antiguidade. A primeira definição foi feita por Edward Tylor em seu livro *Primitive Culture* (1871), uma concepção antropológica, que a define como um “[...] complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade [...]” (TYLOR, 1871 *apud* LARAIA, 2001, p. 25), ou seja, ela é compreendida pelo conjunto de hábitos, conhecimentos e crenças, adquirido pelo homem no decorrer de sua vivência. Ela essencial aos povos, possui singularidades e estruturas específicas, se distinguindo dos demais grupos. E é por meio dela que o homem pode compreender sua realidade.

O conceito de cultura é diversificado e dinâmico, pois com o passar dos anos ela vai se modificando, englobando elementos novos e muitas vezes também ressignificando elementos tradicionais de modo a preservá-los.

Tilio (2009, p. 36) acredita que “[...] convivemos com uma pluralidade de culturas; um indivíduo não pertence a uma única cultura, mas a várias culturas diferentes.” Assim estamos sempre em contato com outras culturas, o que nos permite interagir com outros grupos e a partir dessa interação o indivíduo pode inclusive se identificar com elementos de outras culturas e incorporá-los a sua vivência.

Ele ressalta também que “O conceito de cultura nacional, por exemplo, é muito amplo. Existem culturas regionais, familiares, educacionais, profissionais, sexuais, etc.” (TILIO, 2009, p.37). Apesar de morarmos em determinado lugar, o que vai definir a qual cultura pertencemos é o grupo social com quem convivemos e que reconhecemos pertencente. Em alguns casos podemos nos sentir pertencentes a mais de uma cultura.

A cultura é um legado deixado pelos ancestrais que remete a vivência desses antepassados, suas tradições e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, incluindo a língua, as comidas típicas, as religiões, música, arte, vestimentas, entre outros. Elementos que distinguem cada grupo social e suas particularidades é o que os tornam diferentes do restante da sociedade.

A cultura é influenciadora de nossa identidade. É através dela que adquirimos nosso modelo comportamental perante a sociedade, tornando-se únicos no que diz respeito a maneira de lidar com a natureza, crenças, arte e costumes, na maneira de pensar, agir e falar. É por meio

dela que podemos construir nossa identidade, compor nosso grupo social e nos distinguirmos dos demais grupos. Seu conceito é importante para definir quem somos e podemos criar inúmeras culturas, pelos ensinamentos familiares, da religião, da comunidade e da sociedade.

A todo momento surgem novas culturas, pois a maneira que lidamos com a sociedade, e a aquisição de novos conhecimentos, vivências e experiências faz com que nos identifiquemos com outros elementos culturais, surgindo assim uma nova cultura. Sendo assim, a cultura é uma somatória de elementos que tem relação com determinado grupo, em seus hábitos, crenças, manifestações, culinária entre outros. Podendo ser alterada ao longo dos anos com a junção de novos elementos (TÍLIO, 2009).

Tradição é um dos elementos mais importantes da cultura pois, é através dela que são transmitidos os costumes, memórias e crenças de uma comunidade, fazendo com que os elementos transmitidos passem a fazer parte da cultura do grupo. Esse processo requer um certo tempo para o hábito ser criado na comunidade, estabelecendo assim a tradição.

Com suas próprias tradições, que são únicas para cada comunidade, se estabelece o vínculo de transferência para gerações futuras. As tradicionais comunidades remanescentes quilombolas possuem esse conjunto de hábitos tendo grandes potencialidades culturais, contribuindo assim para o fortalecimento de suas tradições e identidade cultural.

A cultura e a tradição nas comunidades, que se reconhecem como remanescentes quilombola, estabelecem uma relação sentimental entre os habitantes e o lugar em que vivem. Seu território apresenta uma forte ligação com esses grupos tradicionais, demonstrada pela relação que possuem com as terras de onde tiram o sustento de sua família, utilizando técnicas de cuidado com a terra que foram passadas de geração para geração. Sua relação com a natureza foi adquirida ao longo dos anos, criando uma identidade cultural com o espaço que vivem e uma identidade com o território (TÍLIO, 2009).

De acordo com Costa (2015, p. 36) “[...] a tradição é vista como uma memória de longa duração, que resiste ao tempo, sendo transmitida de forma geracional no seio da sociedade.” Apesar das alterações sofridas ao longo dos anos é importante a transmissão e o reconhecimento das tradições das comunidades para o fortalecimento da própria comunidade em seus espaços de convívio e interação.

Diante disso, Costa (2015, p.36) também relata que “[...] tradição pode ter como uma de suas funções a finalidade de preservar os costumes e práticas estabelecidos na sociedade, a partir do reforço de comportamentos tradicionais que se tornam hábitos na vida dos indivíduos.” Hábitos estes que se tornam parte da identidade cultural de um grupo, que estão juntos no

mesmo território. E assim como a cultura, a tradição é um elemento dinâmico que vai se modificando ao longo do tempo.

A identidade cultural de um povo está ligada a maneira como eles enxergam o mundo e se posicionam com relação a ele, através de suas ações, valores e crenças, entre outras. É importante que a identidade de um povo estabeleça a união dos valores criados na comunidade, para que todos os membros possam participar do desenvolvimento local, fortalecendo assim o meio em que vivem e sua cultura local. É através dessa identidade que a comunidade transmite seus elementos culturais como, a religião, crença, a linguagem, entre outras. Sobre a identidade cultural desata-se

A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço. (OLIVEIRA, 2010, p.8).

A construção de uma identidade cultural se dá através de uma série de fatores compartilhados entre indivíduos ou grupo, com interesses comuns. A ideia de uma identidade fixa, na atualidade é questionada pois ela possui um caráter dinâmico e processual. Assim essa identidade pode representar a ancestralidade do seu povo, contudo há uma dinâmica nos seus elementos que vão se transformando com o passar do tempo, ou seja, a identidade cultural de um povo se modifica.

Para Cruz (2007, p. 97):

[...] o conceito de identidade não se confunde com as idéias (*sic*) de originalidade, tradição ou de autenticidade, pois os processos de identificação e os vínculos de pertencimento se constituem tanto por tradições (“raízes”, heranças, passado, memórias etc) como pelas traduções (estratégias para o futuro, “rotas”, “rumos”, projetos etc). A identidade não se restringe a questão: “quem somos nós”, mas também “quem nós podemos nos tornar” [...] a construção de identidades tem haver com “raízes” (ser), mas também com “rotas” e “rumos” (tornar - se, vir a ser).

Na visão de Dourado (2014), tendo como referência Cruz (2007) a definição de identidade, a partir do dinamismo e da processualidade, nos permite entender que ela está diretamente ligada a cultura e a tradição, mas também pode ligar-se ao vir a ser, ao devir, as “rotas e os “rumos” que uma comunidade pode tomar. Assim cultura e identidade, estão sujeitas a dinamicidade, do tempo e espaço. A autora também relata que a tradição é um elemento

indispensável na dinâmica da vida social, e que a identidade serve de alicerce para construir elementos associando novos caminhos para uma comunidade.

As comunidades quilombolas, pela história de resistência e pela relação com o território ancestral, tem a cultura como uma potência que pode ser usada como motor para o desenvolvimento. Nesse sentido o TBC, pode se tornar “a rota” e “rumo”, de uma comunidade. O saber fazer, as vivências, as tradições e a ressignificações dessa cultura, são elementos que podem ser potencializados no desenvolvimento de tal atividade.

3.2 Expressões culturais da comunidade Tabuleiro do Negros

As raízes culturais de um povo são importantes para a afirmação de sua identidade e origem. E através delas que é possível compreender os hábitos e costumes que determinado povo possui, fazendo a distinção de cada comunidade ou região, surgindo assim a identidade cultural.

Os elementos das raízes culturais são importantes para entendermos como foi construída a cultura de um povo. São elas que mostram o saber-fazer, as vivências e as manifestações identitárias no território. Por isso, é de grande relevância conhecer e preservar na memória as raízes da nossa própria cultura no propósito de definir nossa origem, saber quem somos, de onde viemos e como seguiremos nesse espaço. É através da identidade cultural que comunidades quilombolas se distinguem dos demais povos, pois hábitos, costumes, manifestações entre outros estão inseridos dentro da cultura regional determinando seu modo de viver. Para os povos o território faz parte de sua identidade, tanto no sentido material quanto simbólico. É um território de vida e de trabalho, de uso, mas é também o território das manifestações, das crenças e do simbolismo.

Sobre a questão Haesbaert (2004, p. 03) destaca que:

[...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s).

Assim compreende-se que nas comunidades tradicionais remanescentes de quilombo, o território possui essa conotação. Os aspectos culturais, se expressam no território pela função e

pelo simbolismo. É por meio das relações sociais e das ações no território que é possível perceber a cultura do grupo, as formas de interação com o espaço geográfico onde vivem.

Na comunidade Tabuleiro dos Negros, assim como ocorreu em outras partes do Brasil, algumas manifestações foram esquecidas e outras foram modificadas. Contudo, a organização social, o saber fazer, as manifestações ligadas ao trabalho, a religiosidade e os novos aspectos ligados ao processo de reconhecimento da comunidade (Dia da Consciência Negra, criação de grupos de representação da cultura negra) são elementos que denotam que a cultura e a tradição são essenciais no processo de desenvolvimento da mesma.

Dentre as manifestações que foram “esquecidas” na comunidade está a capoeira, pois havia grupos de jovens que se apresentavam nas festividades da comunidade, contudo essa prática foi sendo esquecida.

Na atualidade, os aspectos culturais presentes na comunidade são a dança do coco de roda, a atividade da mandiocada e a gastronomia, através da fabricação dos bolos, a exemplo do bolo da semana santa e outros derivados da mandioca. Contudo acrescenta-se que, a própria vivência da comunidade, as formas de ser e estar no território, são manifestações da cultura.

O coco de roda é uma das atrações marcantes no povoado, devido a representatividade da cultura negra. A dança é realizada com músicas cantadas por todos os membros do grupo e forte pisada no chão tendo como membros crianças, jovens e adultos. A dança do coco de roda é uma tradição que permanece forte na comunidade, e os moradores em algum momento já presenciaram algumas apresentações, pois é a atração principal em qualquer festejo em tempos de São João, mas também pode ocorrer apresentações em outros períodos e festejos. A imagem a seguir mostra apresentação da dança do coco de roda em celebração do Dia da Consciência Negra (FIGURA 11).

Figura 11- Apresentação do coco de roda em frente à igreja de São Pedro. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2021.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Autor: VIERA (2021).

A mandiocada é uma atividade bastante antiga, sendo considerada pela comunidade, uma importante prática cultural e com valor simbólico, pois todo o processo de produção da mandioca, desde o plantio à produção da farinha, só acontece por intermédio da troca de dias trabalhados que ocorre entre pessoas de diferentes famílias, uma relação de cooperação, com trabalho coletivo. A prática da mandiocada envolve todos os membros da família. Os homens ficam responsáveis pela preparação da terra e retirada da mandioca, além de ralar, prensar e mexer a matéria prima, numa espécie de tanque sobre um forno, para em seguida fazer a farinha de mandioca. As mulheres ficam responsáveis pelo plantio, retirada da casca da mandioca e “peneiramento” depois da massa prensada. As crianças ajudam os pais a quebrar a massa para em seguida as mulheres peneirarem.

A prática da mandiocada, para além de uma atividade que gera renda para comunidade, pode ser entendida como uma prática social, realizada de forma coletiva, no espaço da casa ou em áreas próximas e em casas de farinha. As práticas sociais são entendidas nesse contexto como “[...] procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executadas apropriadamente pelos agentes sociais.” (O’DWYER; MATTOS, 2010, p. 616) e podem ser consideradas “[...] herança

de tradições, normas, regras e rotinas geradas e repetidas nas atividades diárias, que alcançam, assim, o caráter de algo legítimo [...]” (GIDDENS, 1984, p. 67), ou seja, o que de fato se realiza.

Nesse sentido, atividade da mandiocada e sobretudo, a etapa da fabricação da farinha é para a comunidade um momento de descontração, de vivência com a cultura e fortalecimento dos laços de pertencimento ao seu território. Realiza-se o trabalho, mas também contam-se “causos”, bebe-se “uma aguardente” e se rememora a vivência dos antepassados. A comunidade possui cerca de 10 casas de farinha, geralmente localizadas nos quinais das casas ou próximas aos quintais. A imagem a seguir mostra as mulheres em uma das etapas para a produção da farinha (FIGURA 7).

Figura 12 - Mulheres em uma das etapas da mandioca (retirando a casca da mandioca) para fazer a farinha. Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.
Autor: VIERA (2022).

Durante a semana santa as famílias também se reúnem para o preparo dos bolos de semana santa que são fabricados na quinta-feira, e que são consumidos no período. São preparados o bolo de macaxeira, de massa puba e pé de moleque. Assim nesse dia as casas de farinhas ficam cheias para o preparo dos bolos, que depois são divididos entre os que

participaram da atividade. A imagem a seguir mostra a bolo de massa puba, um dos bolos da semana (Figura 13).

Figura 13 - Bolo de massa puba ou (bolo da semana santa). Comunidade Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Autor: VIERA (2022).

A comunidade também possui como tradição, os festejos da Igreja Católica, que são: os festejos de Nossa Senhora do Rosário no mês de fevereiro, com atividades religiosas e profanas e o trezenário de Santo Antônio no mês de junho com 13 noites dedicadas ao culto do santo e os festejos de São Pedro, padroeiro da comunidade. A comunidade nesse dia recebe a visita de moradores de outros povoados, que se deslocam para participar das missas, quermesses e da procissão, ponto alto do festejo.

Uma manifestação que vem ganhando destaque na comunidade, após o processo de reconhecimento, é a comemoração ao Dia da Consciência Negra. A comemoração foi iniciada em 2016 com os esforços dos representantes das associações das comunidades quilombolas Tabuleiro dos Negros e Sapé, com atrações que remetem as vivências de seus antepassados, como a baiana, o guerreiro, encenação da mandiocada, oficinas, dança do coco de roda, a realização de um desfile para enaltecer a beleza negra, entre outros. As crianças participam dessa festividade com pinturas no corpo, roupas e acessórios que remetem a cultura negra.

Outro elemento também presente na comunidade é gastronomia tradicional com preparo de alimentos com massa da mandioca, como o beiju, sequilho e “macazada”, pratos responsáveis pelo complemento da renda familiar, com receitas que são passadas de geração em geração. Destaca-se que essas atividades possuem o protagonismo feminino desde a

fabricação até a comercialização, sendo também as mulheres responsáveis pela manutenção dessas atividades que surgiram no passado. Assim assevera-se que considerando as manifestações acima elencadas, e considerando, o caminho para esse estudo tem como pano de fundo, a reflexão sobre as potencialidades culturais do Tabuleiro dos Negros, visando a implantação do TBC, uma vez que ele pode oferecer “[...] a possibilidade de contato com a natureza, com tradições e valores socioculturais singulares e diversos.” (GARCIA, 2012, p. 1083).

4. POTENCIALIDADES TURÍSTICAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

4.1 Comunidades quilombolas e suas contribuições para o turismo

O turismo é um importante instrumento para alavancar a economia, sendo responsável por promover inclusão social e gerar oportunidade de emprego e renda. É uma atividade que cresce mundialmente e apresenta elementos que podem fomentar o desenvolvimento local de determinada região. Assim, por meio do turismo podemos conhecer lugares com diferentes culturas e etnias, ter contato com as pessoas do local visitado, desfrutar da gastronomia e vivenciar experiências encontradas no decorrer da viagem.

As comunidades tradicionais caiçaras, ribeirinhas, indígenas e quilombolas vem se destacando no ramo do turismo, pois alguns turistas buscam por ambientes onde as paisagens apresentam características naturais e culturais, própria do lugar. Em relação a cultura, as pessoas também têm buscado por lugares que possuam estilo de vida próprio, de modo que possam vivenciar seu modo de saber e fazer.

Essas comunidades tradicionais possuem inúmeros aspectos que podem fomentar o turismo de sua região. Os turistas que optam por visitar tais comunidades estão em busca de experiências diferentes das viagens convencionais e do seu cotidiano. Assim, a maneira como essas comunidades convivem em seu meio social e os aspectos culturais presentes em seu território, tem sido o diferencial entre aqueles que buscam viver novas experiências, apreciar novas culturas e aprender as particularidades que cada cultura possui.

Entre as comunidades tradicionais encontradas no Brasil, damos enfoque as comunidades quilombolas, que têm ganhado representatividade no ramo do turismo, por apresentar aspectos culturais relacionados a história, formas de apropriação do território e vivências cotidianas que denotam formas próprias de ser e estar nesse território.

No Brasil já existem alguns trabalhos em localidade quilombolas, onde a demanda por viagem a estes lugares está crescendo gradativamente. Esses turistas buscam conhecer comunidades quilombolas e locais onde se situavam quilombos com grande representatividade, pois esses espaços são um testemunho da luta contra a escravidão.

O quilombo dos Palmares é um desses lugares. Localizado na Serra da Barriga no município de União dos Palmares, zona da mata do estado de AL, é símbolo da resistência negra e foi um dos maiores quilombo do período colonial. Hoje o local possui a denominação de Parque Memorial. Aberto em 2007, recebe visitantes de todas as partes do mundo e conta com

reproduções de edifícios utilizados pelos negros e também áudios que procuram recontar a história dos negros que resistiram naquela região.

Outro exemplo é o projeto chamado Rota dos Quilombos que envolve 12 comunidades quilombolas localizadas no município de Berilo, Chapada do Norte e Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha. Engloba 10 roteiros diferentes, organizados em torno do TBC, que geram emprego e renda, para tais comunidades, além do incentivo a preservação de suas tradições. (DUÉK, 2020)

Em Sergipe, tem-se o projeto chamado Rota do Quilombo Mocambo, no município de Porto da Folha, onde se desenvolve o turismo rural e utiliza o TBC como estratégia para propor uma inclusão social da comunidade por meio do turismo sustentável. Possui uma infraestrutura que é possível hospedar os visitantes na casa dos moradores, saborear das comidas típicas da região e aproveitar as belezas do velho Chico. O roteiro disponibiliza passeios no ambiente natural da caatinga, samba de coco e contação de história pelos moradores. (DUÉK, 2020)

4.2 Turismo de Base Comunitária como ferramenta de desenvolvimento local

As iniciativas para o desenvolvimento do TBC iniciaram-se em localidades que possuíam laços de convivências fortes entre os moradores da comunidade e seu território. Apesar desta ferramenta já está inserida em alguns países sob a denominação de turismo rural comunitário, no Brasil as iniciativas são recentes, com o desenvolvimento de atividades em diversas localidades.

A concepção do TBC, tem como premissa que a comunidade é protagonista, participando desde a concepção do turismo até seu desenvolvimento e gestão, considerando a complexidade, a diversidade e as realidades locais. Portanto, é uma forma de fazer turismo de maneira sustentável, em que a comunidade local é a protagonista da experiência vivenciada pelos turistas, essa forma de turismo busca desenvolver e valorizar os ambientes naturais, histórico e cultural.

É uma perspectiva de visitação turística, bastante realizada em comunidades tradicionais, grupos que apresenta uma cultura diferente da sociedade e se reconhecem como tal, ou seja, são comunidades que possuem seu próprio jeito de lidar com a natureza, trazendo inspiração para quem os visitam (BÔAS, 2018).

O TBC é uma alternativa de turismo menos invasivo e surgiu com intuito de inserir comunidade na área do empreendedorismo, desenvolvendo ações de conscientização ambiental e cultural, objetivando o fortalecimento e a inclusão dos turistas com a população, gerando

benefícios com a atividade inserida no local, além de contribuir para a valorização da cultura local. É uma nova modalidade do turismo que surge em contraponto ao turismo convencional, como alternativa para a exploração das potencialidades e valorização das especificidades do local, por meio da inclusão da comunidade no desenvolvimento do turismo como geradora de renda e qualidade de vida. (FABRINO; NASCIMENTO; COSTA, 2016).

Segundo Nunes e Menezes (2017, p. 98) “Os modos de vida e suas formas identitárias se ressignificam a cada encontro com o outro na relação entre visitantes e visitados e está presente nos elementos que constituem a atratividade local.” Com essa nova ferramenta no turismo é possível que gere uma transformação com intuito de facilitar abordagem entre visitantes e visitados.

Essa modalidade permite o desenvolvimento da comunidade através dos aspectos culturais presentes na região, seja, a história do local, a cultura e o modo de vida dos moradores da comunidade. Se distingue do turismo de massa por não priorizar diretamente o lado econômico, mas sim as experiências que ele proporciona entre os visitantes e a comunidade anfitriã. Essa ferramenta enaltece as comunidades tradicionais, valorizando cada vez mais suas potencialidades para o turismo, como segue a citação:

O Turismo de Base Comunitária quer mostrar a história de um local, de uma região, a partir de seu modo de vida particular e de suas práticas específicas. Isso porque o Turismo de Base Comunitária dá visibilidade aos aspectos locais, valoriza histórias e modos de vida. Ele oferece amplo aproveitamento das experiências coletivas, oportunizando a visitantes e visitados uma troca de saberes, um compartilhamento de re-descobertas, como o valor cultural que há em um simples costume local, que tem história, uma herança de antepassados, até então desvalorizada pelo morador local, mas que, do ponto de vista da cultura e do turismo, é um patrimônio, um atrativo. (NUNES; MENEZES, 2017, p.102).

Como um novo modelo de planejamento turístico, o TBC proporciona aos visitantes a interação com os anfitriões e possui um modelo totalmente diferente do turismo de massa, pois uma de suas premissas básicas é o desenvolvimento em escala limitada, respeitando os recursos naturais da comunidade, pois a comunidade como protagonista é quem decide quais atrativos mostrar aos turistas. Os moradores não precisam mudar sua rotina nem adaptar seu modo de saber e fazer nas atividades para quem os visitam. O turismo de massa privilegia o lucro rápido e a grande escala de visitantes, tornando uma ferramenta contrária do TBC que prioriza a sustentabilidade e limita a visita para melhor experiência turística e manter a conservação natural da comunidade.

O turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dessas dos benefícios advindos da atividade turística (MTur, 2008, p.1)

O TBC também garante que a comunidade participe efetivamente das tomadas de decisão e tenha controle sobre o desenvolvimento e gerenciamento da atividade turística a ser realizada no local, proporcionando o envolvimento participativo dos seus desde o início, fazendo com que priorize a maioria dos benefícios para a própria comunidade.

As comunidades rurais tendem a desenvolver mais o TBC por apresentar forte ligação como seu território e seu modo de vida. Para o desenvolvimento desta ferramenta na comunidade, Bôas (2018) relata que para o planejamento é necessário que haja união entre os moradores da comunidade e que eles possam trabalhar juntos para a elaboração e execução da atividade a ser inserida na comunidade.

Percebe-se a forte influência das comunidades interioranas e do modo de vida e de como elas tecem as relações interpessoais nos processos pertinentes ao TBC, assim presume-se que a solidariedade também é um princípio do TBC, a cooperação e a cumplicidade dos indivíduos pertencentes à uma mesma comunidade dão a liga das relações que constituem as possibilidades de execução e planejamento do TBC. (BÔAS, 2018, p. 82).

Assim, esse modelo de turismo só é possível se desenvolver na comunidade se os membros estiverem aptos a se unirem para que possam traçar metas de planejamento adequado para seu desenvolvimento na região. Ressalta-se que a cooperação entre os moradores é uma ferramenta indispensável para inserir qualquer atividade tendo como base o TBC dentro da comunidade. Essa ferramenta trabalha diretamente com os autóctones e utiliza a sua vivência como um dos fatores essenciais para a visitação, abrange cada vez mais as comunidades tradicionais que possuem sua própria maneira de lidar com seu território.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

A comunidade quilombola Tabuleiro apresenta alguns aspectos culturais e ambientais que podem contribuir para atividade turística local, que sendo bem planejada tem grande chance de consolidar uma atividade que envolva o turismo na região, com a participação do poder público, mas sobretudo com o protagonismo da comunidade.

Assim, buscando compreender as potencialidades do local da pesquisa e guiados pelos questionamentos e objetivos do trabalho em questão, apresenta-se os dados relativos à percepção dos moradores da comunidade sobre a importância da cultura, da vivência, do saber da comunidade e das potencialidades da comunidade. Destaca-se que o trabalho não discute percepção como método de análise, mas o interesse em incluir as falas da comunidade se deu pela necessidade de conhecer um pouco sobre o que pensa a comunidade em relação as questões da tradição, da cultura e da vivência cotidiana como uma possibilidade de geração de renda para a comunidade, via turismo. De tal modo, considerou-se também o conhecimento da comunidade sobre o que é a atividade turística e sua importância.

A pesquisa tem como suporte a abordagem qualitativa, com base os pressupostos delineados por Triviños (1987) em referência a Bogdan (1987), como segue:

- a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave;
- b) a pesquisa qualitativa é descritiva;
- c) os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e produtos;
- d) os pesquisadores qualitativos tendem analisar seus dados indutivamente;
- e) o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Em função do recorte e do tratamento analítico dos dados, com base a pesquisa qualitativa, buscou-se interpretar as falas de modo a elucidar os questionamentos a saber: a atividade turística pode ser desenvolvida na comunidade? Que práticas culturais e sociais da comunidade poderão ser uma alternativa de incremento de renda? Que tipo de turismo a comunidade pode desenvolver? Quais as práticas culturais mais significativas na comunidade? O dia a dia da comunidade, seus saberes e fazeres são elementos que podem ser explorados no desenvolvimento da atividade turística? O TBC, pode ser uma alternativa viável? Quais os principais problemas que a comunidade apresenta que poderiam dificultar o desenvolvimento de tal modalidade de turismo?

A pesquisa de campo foi realizada por meio de observações simples, registro fotográfico e entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A) com 10 moradores da comunidade, durante os meses de maio e agosto de 2022, com idades entre 20 e 52 anos e de ambos os sexos. A amostra da pesquisa em questão, configura-se como proposital, intencional ou deliberada (não-probabilística), definida como “[...] aquela de escolha deliberada de respondentes, sujeitos ou ambientes, oposta a amostragem estatística, preocupada com a representatividade de uma amostra em relação a população total [...]” (TURATO, 2003, p. 357). Ao escolher esse tipo de amostra “[...] o autor do projeto delibera quem são os sujeitos que comporão seu estudo, segundo seus pressupostos de trabalho [...]” (TURATO, 2003, p. 357).

A definição da amostra proposital teve como fundamento a *homogeneidade fundamental*, ou seja, “[...] pelo menos uma determinada característica ou variável é comum a todos os sujeitos da amostragem: a característica-chave que os une é o próprio tema do trabalho.” (TURATO, 2003, p.365/366). No caso do trabalho em questão, o ponto comum entre os entrevistados foi residir na comunidade e possuir descendência quilombola.

A numeração das entrevistas se deu conforme a ordem em que foram realizadas, de 01 a 10. A transcrição das falas foi realizada de forma literal, tal como foram gravadas, conservando na escrita aspectos como pronúncia, contração de vocábulos, subtração de letras, troca de vogais e consoantes e erros de pronúncia, conforme orienta o (Quadro 1) e os sujeitos entrevistados tiveram suas identidades resguardadas (DOURADO, 2014).

Quadro 1 - Normas utilizadas para transcrição das entrevistas.

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Pausas	...	<i>Porque aqui não temos assim ... nós aqui não temos hotéis pra hospedar as pessoas ...</i>
Supressão de falas	[...]	<i>[...] o processo da mandiocada, a essência principal é não só no fazer da farinha a terra pertencia a Santa, a terra era dela.</i>
Interrogação	?	<i>[...] na primeira semana do vinte vai ter toda essa programação e encerraria como, vamos dizer assim?</i>
Comentários do analista	(risos)	<i>[...] Não está, eu sinto muito em dizer, mas não está, não está [risos] não está porque falta hospedagem [...].</i>
Contração de expressão ³	/	<i>N/é (NÃO É). [...] são as manifestações culturais aí temos, algumas danças como: o coco de roda, quadrilha, temos as manifestações religiosas as</i>

³ “Essa medida utilizada visa mostrar a expressão como contração e não como erro.” (FERNANDO, 2002, p. 119).

		<i>procissões n/é? temos as procissões de semana santa, senhor morto, [...]</i>
--	--	---

Fonte: Adaptado de Fernandes (2007).

Org.: VIEIRA, Gilvanete Santos (2022).

Diante da análise de dados referente as potencialidades que a comunidade Tabuleiro dos Negros apresenta para o desenvolvimento de uma atividade turística, com vista ao resgate e fortalecimento da identidade, destaca-se que os moradores entrevistados possuem conhecimento diversificado sobre essas potencialidades que podem ser exploradas para o desenvolvimento da atividade, e o interesse em mostrar para os visitantes essas potencialidades é nítida, pois os moradores abordavam as questões com entusiasmo. A maneira como os moradores discutem sobre o tema abordado nas entrevistas, acredita-se que através do turismo a comunidade pode se desenvolver culturalmente e economicamente.

6. A COMUNIDADE TABULEIRO DOS NEGROS E AS PERSPECTIVAS PARA DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

O turismo é uma importante atividade econômica e sua cadeia produtiva engloba vários setores, auxiliando direta e indiretamente em todos os ramos da indústria desde a matéria-prima até elementos mais elaborados. Através dele é possível implantar o desenvolvimento local de uma determinada região.

O desenvolvimento de um determinado local de interesse turístico está sujeito aos tipos de estratégias que são implantadas e às características de cada local. Considerando que cada região (em esfera macro ou micro), cada país, cidade, vilarejo ou comunidade possui características próprias que devem ser consideradas no âmbito do planejamento turístico, seria ousado afirmar que o turismo sempre é gerador de desenvolvimento local. (SCÓTOLO; NETTO, 2015).

Assim, assevera-se que por meio da valorização aspectos culturais é possível estimular o desenvolvimento econômico do local, pois a atividade turística pode ser desenvolvida, com o por meio de estratégias que busquem o incremento da economia local e a melhoria de vida da população, a partir das características naturais, históricas e culturais.

De acordo com Sales (2009), os quilombolas carregam consigo e ainda praticam os costumes de seus antepassados e dentre esses costumes estão as práticas religiosas, o uso das plantas medicinais, as formas de trabalho e sociabilidade. O modo que eles permanecem em seu território, sua cultura, tradição são elementos que podem contribuir para desenvolvimento da região, através da atividade turística tendo como base o TBC.

Os entrevistados citaram vários elementos culturais que permanecem forte na comunidade e que podem ser explorados para compor um roteiro turístico tendo como base o TBC. Alguns elementos com o passar dos anos foram extintos ou esquecidos por alguns moradores, mas a ideia de resgate de algumas tradições da comunidade foi mencionada por alguns entrevistados:

[...] são as manifestações culturais aí temos, algumas danças como: o coco de roda, quadrilha, temos as manifestações religiosas as procissões [n/é] temos as procissões de semana santa, senhor morto, senhor glorioso é ... temos também as procissões dos padroeiros, as festas dos padroeiros da comunidade, temos aí dentro de um contexto cultural a comemoração do Dia Consciência Negra [...] (ENTREVISTADO 1). (DESTAQUE NOSSO).

As manifestações religiosas permanecem fortes na comunidade, principalmente no período da semana santa que celebra a paixão, morte e a ressurreição de cristo. Neste período a comunidade toda participa dos festejos da igreja. Apesar da comunidade ser descendente de

negros escravizados, a religião predominante da comunidade é o cristianismo. É durante esse mesmo período que é produzido os bolos da Semana Santa, outra tradição que permanece forte na comunidade.

[...] bolos da semana santa, que toda semana santa... quinta-feira maior ou na quarta feira as pessoas, as mulheres [n/é?] já deixam mandioca de molho justamente com esse objetivo... da gente tentar preparar o bolo da semana santa pra tomar o café do jejum, então isso é uma tradição muito forte que nossa comunidade que isso vai passando de gerações a gerações que a gente encontra jovem já fazendo, dando continuidade um legado [...] (ENTREVISTADO 10).

É muito comum você encontrar no café da manhã da comunidade na Semana Santa no período da Paixão de Cristo, a partilha desse alimento para os moradores, que não produziram, pois, a comunidade neste período fraterno se sensibiliza para que todos possam fazer seu desjejum da sexta-feira da paixão. Depois do período da Semana Santa, a comunidade entra no cultivo do feijão, mandioca, milho, etc, um período de preparação da terra para produzir esses alimentos. Os homens ficam responsáveis pela preparação da terra e as mulheres são responsáveis pela plantação. Famílias e amigos se reúnem para colheita desses produtos e preparação dos alimentos. Esse foi um dos aspectos culturais também mencionados nas entrevistas, como um potencial a ser explorado na atividade turística.

[...] a plantação quem quiser ter essa experiência da plantação do milho, de ver como é essa coisa da plantação do milho, do feijão, aí em junho já tem a colheita do feijão em si, em agosto e setembro tem o arrancamento da mandioca que é onde as pessoas gostam de ver como é que faz esse processo [...] (ENTREVISTADO 2).

No período de plantação e colheita toda comunidade se reúne para ajudar uns aos outros em um trabalho prioritariamente manual e coletivo. Homens, mulheres e as crianças ajudam nesse processo, principalmente no período da mandiocada que ocorre em seis etapas para a produção da farinha, que são elas: arrancar, raspar, sevar, prensar e mexer a massa, até que seque, para em seguida peneirar a farinha torrada.

[...] o processo da mandiocada, a essência principal é não só no fazer da farinha, mas é o trabalho coletivo, que eu acho que isso é fundamental, principalmente quando se trata de uma comunidade quilombola, porque a palavra em si origem quilombo ela tem origem da África com significado bem forte, união e assim esse trabalho coletivo ele se dá justamente de um ajudar o outro. (ENTREVISTADO 10).

O processo da mandiocada que envolve todos os membros da família, e assim os ensinamentos vão sendo passados, seja o pai cuidando da terra e seu filho ao lado vendo todo o processo, a mãe nos preparativos com a massa da mandioca mostrando sua filha como faz o sequilho, beijú, tapioca, a macazada, entre outras comidas típicas.

O período da mandiocada permanece muito forte na comunidade. Inicia-se geralmente no mês de junho e vai até o mês de dezembro com movimentação nas casas de farinha, com bebida e comida. É nesse período que o trabalho coletivo fortalece ainda mais a comunidade e ajuda a manter viva uma tradição que ocorre desde o início da comunidade. As mulheres acordam cedo para ajudar as outras na mandiocada para que na sua vez, as outras mulheres venham ajudar também, pois há uma troca de serviço comunitário. Mas a mandiocada não simboliza apenas o trabalho coletivo. Vai muito mais além disso, são trocas simbólicas, é um momento de socialização com outros membros da comunidade e de interação com pessoas diferentes do seu convívio, pois é na casa de farinha que os grupos se misturam e se divertem e mantêm a tradição. A mandiocada, como um momento de vivência é um atrativo que a comunidade pode oferecer ao visitante que poderá disfrutar da experiência de produção da farinha e seus derivados, mas também de interação com os moradores. As etapas do processo, sobretudo na casa de farinha, podem ser compartilhadas, caso o visitante assim deseje, como segue o depoimento.

[...] um atrativo as mandiocadas, tem muitas mandiocadas por aqui (n/é?) e que o pessoal se junta pra rancar, raspar e ali todo mundo se junta, ajudando os outro e onde tem canturia, tem comidas, tem bebidas, tem todo um trabalho onde uma pessoa só não faz e as mandiocadas seria interessante porque te aquelas senhoras que cantam, que dançam entendeu? Contam piadas também e é assim o dia todo, seria um ótimo atrativos as mandiocadas para quem vem de fora que não conhece [...]. (ENTREVISTADO 05)

É durante o período da mandiocada que os grupos se misturam com outros, não havendo essa divisão na comunidade, pois o principal objetivo é ajudar todos da comunidade no processo de fazer a farinha. Alguns entrevistados mencionaram a mandiocada como um atrativo turístico para quem os visitassem no período da mandiocada, que gera uma movimentação nas casas de farinha contendo elementos culturais que permanecem fortes na comunidade.

Outro aspecto cultural mencionado nas entrevistas foi a Fonte de Fora, nome dado a uma pequena nascente de água cristalina utilizada pelos moradores antigamente quando não havia água encanada na comunidade. Hoje o trecho para chegar à fonte é coberto pela vegetação, algo que dificulta o acesso, mas foi um dos elementos mais mencionados durante as

entrevistas por ser um elemento natural e fazer parte da história da comunidade. Os moradores acreditam que é uma potencialidade muito forte dentro da comunidade que pode ser explorado para compor um roteiro.

[...] Voltado ao turismo a fonte [n/é?] muita trilha aqui, que poderia fazer uma trilha pra visitação dessas nascentes. Que a gente tem várias nascentes aqui dentro de nossa comunidade, no nosso quilombo e seria uns dos objetivos [n/é?] um dos objetivos que a gente tem futuro pra gente implantar o turismo aqui dentro da nossa comunidade [...] (ENTREVISTADO 9).

Esse relato retirado da entrevista 9 aborda um pouco sobre o que a fonte simboliza para comunidade e o que ela representa, apesar de estar inativada no momento da entrevista, o entrevistado demonstrou interesse em incentivar a estruturação e revitalização da área da fonte para que possa ser utilizado para visitação turística. É um local que está sendo esquecido pelo resto da população, pois como a comunidade possui abastecimento hidráulico não necessita descer até a fonte para pegar água como faziam antigamente.

[...] a fonte de fora [n/é?] tem todo uma história da fundação da comunidade a história das mulheres ... é as fontes cada uma com sua história e as entradas de cada nascente que são belíssimas e que nesses pontos culturais e a própria comunidade não despertou pra o turismo é uma fonte muito rica. (ENTREVISTADO 4).

Dentre esses elementos culturais já citados, outros foram mencionados durante as entrevistas e que possuem potencial para compor um roteiro turístico, dentre eles estão, o Dia da Consciência Negra (que faz referência a morte de uma liderança para o movimento negro do Brasil), a história da comunidade, as igrejas, a gastronomia, etc. O Dia da Consciência Negra foi mencionado durante as entrevistas por fazer parte das festividades da comunidade já algum tempo com várias atrações. O trecho retirado da entrevista nº 10 mostra interesse do entrevistado em fazer com que a comunidade se desenvolva para futuras visitas e menciona como deve ser feito na perspectiva dele as atividades, que só irá perpetuar com o apoio do município.

*[...] vinte de novembro que celebra todo **Dia da Consciência Negra** e ai você fazia um roteiro de uma semana conhecendo a comunidade(n/é?) aonde você fomentava a economia local (n/é?) fomentava essa economia local e ai você teria uma programação no nosso calendário anual, ou seja, todo novembro (n/é?) na primeira semana do vinte vai ter toda essa programação e encerraria como, vamos dizer assim ? com várias apresentações (n/é?), todo*

esse movimento, então só que pra isso teria que tá, eu acredito em um calendário que a gente tivesse o apoio do município (n/é?) porque assim a gente trabalharia junto com a secretária de cultura e a cultura teria esse olhar pra nossa comunidade, chegando turista... já tenho um roteiro pra vocês, olha o roteiro seria esse, destino seria Tabuleiro dos Negros, vocês vão conhecer nesse período essa comunidade e aí você teria todo o envolvimento da comunidade. (ENTREVISTADO 10). (DESTAQUE NOSSO).

Durante as entrevistas os moradores abordaram vários períodos para o desenvolvimento da atividade turística na comunidade: o período da plantação do milho e do feijão que é intercalando como os festejos religiosos com o Trezenário de Santo Antônio que se inicia no dia 1º (primeiro) de junho e vai até o dia 13 (treze) e o Tríduo de São Pedro que se inicia no dia 26 (vinte seis) de junho e vai até o dia 29 (vinte nove), finalizando com uma carreata percorrendo por toda comunidade e povoados vizinhos. Também temos o período da Semana Santa que ocorre de acordo o calendário anual apresentando várias manifestações religiosas.

[...] os trezenário de Santo Antônio e também tem eventualmente as novenas de São Pedro que é o padroeiro da comunidade que também atrai muitas pessoas pra a comunidade. Onde tem apresentações de quadrilhas, coco de roda e encerra no mês de novembro no dia 20. Então eu acho que entre maio e novembro seria um mês onde as pessoas poderiam ter essa experiência e essa troca aqui na comunidade. (ENTREVISTA 2)

Para o visitante que deseja ter uma experiência com a agricultura local, os meses entre março e maio seria o ideal, pois é a época de plantação do milho, feijão e da mandioca. Os que desejam ter a experiência do modo de saber e fazer da mandiocada, o período indicado seria os meses de agosto e novembro, sendo que no final de novembro no dia 20 (vinte) temos o Dia da Consciência Negra, com várias atrações:

[...] maio tem a plantação quem quiser ter essa experiência da plantação do milho, de ver como é essa coisa da plantação do milho, do feijão, aí em junho já tem a colheita do feijão em si, em agosto e setembro tem o arrancamento da mandioca que é onde as pessoas gostam de ver como é que faz esse processo. [...] (ENTREVISTA 2)

Alguns entrevistados mencionaram o período do verão como a melhor época para desenvolver a atividade na comunidade. Eles destacaram que durante o verão as visitas as nascentes seriam mais adequadas, por se tratar de uma região de descida e possuir lama no trajeto. Outros já ressaltaram o período de junho com os festejos religiosos.

No trecho retirado da entrevista nº 10, o morador aborda dois momentos em que a atividade pode ser desenvolvida: no mês de junho com os festejos religiosos e mês de novembro no Dia da Consciência Negra. E sugere que seja feito um roteiro na semana do dia 20, mostrando a cultura local e a história da comunidade, encerrando no Dia da Consciência Negra com várias apresentações.

[...] seria no período de junho, aonde a gente começar a celebrar o primeiro dia de Santo Antônio e tendo festa do primeiro ao treze. Nesses intervalos a gente já entre em São Pedro, então o mês de junho de festa aqui, vai ter todo uma movimentação, esse seria uma das datas que eu defenderia: junho e a segunda data seria no vinte de novembro que celebra todo Dia da Consciência Negra [...] (ENTREVISTADO 10)

Em relação aos benefícios que o turismo pode trazer para a comunidade, mencionados durante as entrevistas, destaca-se o fortalecimento da economia local, através da comercialização dos bolos produzidos na comunidade e objetos confeccionados pelos próprios moradores, além do incentivo e preservação da cultura local, pois quando existe pessoas com interesse de conhecer a cultura quilombola os próprios moradores irão internalizar a importância dessa cultura, como segue:

[...] vai movimentar a cultura local e a questão do financeiro [n/é?] um exemplo, eu penso vai chegar um momento que aquela senhora que faz o beijú, aquela senhora que faz a tapioca ela vai [n/é?] oferecer [n/é?] vai vender, os turistas compra, vai ter vamos pensar aquela pessoa faz um balaio (n/é?) um trabalho artesanato vai lá e vai vender aquele produto [n/é?] a gente sabe que, até na questão da culinária, tem pessoas que prepara uma galinha de capoeira, vai ter um espaço você servir o pirão da galinha de capoeira, então vai ter toda uma movimentação financeira porque a gente vai fomentar a economia local [...] (ENTREVISTA 10)

Os moradores acreditam que o turismo pode gerar emprego e renda dentro da comunidade e reconhecimento, pois eles se sentem esquecidos pelo poder público e muitas vezes esquecem que moram em comunidade quilombola, pois a identidade quilombolas como um processo em construção deve se fortalecida diariamente:

Muitas vezes a gente nem parece ser uma comunidade quilombola porque não tem quem lute quem vá buscar nossos direitos, que tragam nossos direitos até nós, vejo o pessoal dizer, comunidade quilombola tem que ter uma escola adequada, uma escola diferenciada, tinha que ter uma geração de renda com o pessoal daqui, hoje em dia a gente não vê. (ENTREVISTADO 5).

O relato acima mostra a insatisfação do morador diante da falta de ações que busquem melhorias. Citou-se que a comunidade é carente de incentivo. Os projetos começam a ser desenvolver, mas com o passar do tempo acabam por falta de motivação, de ação efetiva. Na comunidade se desenvolveram muitos projetos, que beneficiavam os moradores como o Projeto jovem voltado para os adolescentes que moravam em comunidades quilombolas com atividades esportivas e culturais e que deu oportunidade ao um grupo de jovens conhecer a Serra da Barriga, local que abriga o Parque Memorial Zumbi dos Palmares.

A comunidade também possuía uma banda fanfarra e o Projeto Tambores, que incentivava a música e dança de origem africana. Soma-se a esses projetos o incentivo ao artesanato ensinando as mulheres a confeccionar objetos com a palha da bananeira e projetos gastronômicos que ensinava as mulheres preparar alimentos derivados do milho e da mandioca. Assim destaca que havia iniciativas de desenvolvimento de atividades na comunidade que foram extintos, o que revela que há uma necessidade de empoderamento da comunidade no sentido de definir “rotas e “rumos” para a comunidade. A *tradição* é importante pois diz o que a comunidade é, mas as *traduções* indicam o que a comunidade pode ser tornar, utilizando-se do seu bem maior que é a cultura (CRUZ, 2007).

No que se refere a infraestrutura, o assunto divide opiniões na comunidade. A infraestrutura, como já citada, é básica, apenas a rua principal é asfaltada e há poucos equipamentos urbanos. O acesso a comunidade também é dificultado principalmente em períodos de chuvas pois não há asfalto e a estrada de piçarra não favorece a circulação de carros pequenos.

Alguns moradores alegaram que a infraestrutura, sobretudo a organização das ruas, é adequada para o desenvolvimento da atividade turística, por se tratar de uma comunidade quilombola e a proposta da atividade turística é voltada para a experiência cultural de um povo, que tem uma relação direta com a natureza. No decorrer dos anos as casas foram modificadas, de casas feita de barro com chão batido para casas de alvenaria. Contudo ainda hoje se pode encontrar algumas estruturas construídas como antigamente dentro da comunidade, sobretudo nas áreas de casa de farinha.

Durante as entrevistas, quando questionados sobre o desenvolvimento da atividade turística e a infraestrutura da comunidade, alguns entrevistados alegaram que a atividade turística seria difícil: *Porque aqui não temos assim... nós aqui não temos hotéis pra hospedar as pessoas [...] (ENTREVISTA 3).*

Assim, fica claro que ainda não há um entendimento sobre as características do TBC entre todos os entrevistados, pois a ideia que se tem do turismo na comunidade relaciona-se ao

turismo convencional. Destarte para que se desenvolva uma atividade na comunidade é preciso desconstruir a ideia de que o lugar tem que ser modificado para atender os visitantes, pois o visitante que deseja usufruir desse tipo de experiência na comunidade, quer interagir com o local, acompanhar as atividades cotidianas e apreciar a cultura que se expressa no ir e vir das pessoas, nas atividades de sobrevivência e no saber fazer.

[...] Não está, eu sinto muito em dizer, mas não está, não está [risos] não está porque falta hospedagem [...] aqui mesmo hoje em dia não tem onde eles ficarem. Uma acolhida pessoal teria, mas a onde eles ficarem com hospedagem com tudo digno certinho, eu acho que não teria [...] (ENTREVISTA 5).

Assim a população visualiza um turismo de massa, aqueles com muitos turistas. Por isso acreditam que não podem satisfazer a necessidades dos visitantes, por não terem equipamentos turísticos convencionais. Mas a ideia da atividade turística a ser desenvolvida na comunidade é transmitir para quem visita o Tabuleiro uma nova forma de apreciar o lugar visitado. O visitante irá obter uma experiência real com o espaço e a cultura local, se hospedando na residência dos próprios moradores.

Poderá também desfrutar da gastronomia, aprender o modo de saber e fazer do povo que mora na região, socializar com os moradores, ouvir um pouco da história da comunidade, aprender as expressões populares ditas pelos moradores. Assim, irá obter a experiência de conviver e viver a cultura de um povo no seu local de vida e de trabalho.

Durante as entrevistas foram citadas algumas dificuldades para o desenvolvimento da atividade na comunidade uma delas foi a falta de infraestrutura, pois os moradores alegaram que a comunidade não possui um local adequado para recepcionar os visitantes. A comunidade possui uma associação de moradores, contudo ela não tem uma sede que possibilite encontros para realização de reuniões, encontros ou rodas de conversa. A falta de iluminação e os furtos também foram citados como dificuldades.

Elencaram também que é difícil o trajeto que dá acesso a comunidade, por se tratar de uma estrada de barro com vários buracos, os veículos tendem a percorrer o percurso em velocidade mínima. A questão do acesso à comunidade, contudo é passível de ser solucionado com maior brevidade, pois já existe projeto aprovado para a pavimentação de todo percurso que se dá acesso à comunidade.

[...] infraestrutura tem a questão do difícil acesso a comunidade não é nem pela questão do tempo da distância não porque é perto, mas pela condição

das estradas, pela falta de segurança por que não tem iluminação e aí dentro da comunidade também falta asfaltamento. Então falta calçar as ruas só tem uma rua calçada então isso é muito negativo [...] (ENTREVISTADO 1)

Outra questão citada durante as entrevistas, como dificuldade para o desenvolvimento do turismo na comunidade, foi a falta de confiança dos próprios moradores em sua capacidade de desenvolver mecanismos que ajudem a preservar a cultura local e potencializar seu modo de ser, saber e fazer, para que possa ser um atrativo para quem os visita.

Outra problemática encontrada nas entrevistas foi a forma como alguns moradores veem os trabalhos ocorridos dentro da comunidade, alegaram que existe individualismo dos representantes da comunidade, pois priorizam a si mesmo deixando a comunidade em segundo plano. Assim, fica evidente que o sentido de coletividade é esgaçado na comunidade, havendo a necessidade de uma formação e um alinhamento no sentido de se construir coletivamente as ações no Tabuleiro.

Na fala de um dos entrevistados é possível analisar a insatisfação do morador com os representantes, no que diz respeito a tomada de decisões para melhoria dentro da comunidade: *“[...] as vezes aqui as coisas acontecem porque não tem união, tem individualismo só pensando em si e não pensam no projeto adequado pra comunidade e às vezes as pessoas que vem de fora, só pensam em si, não vai pensar na comunidade.” (ENTREVISTADO 07).*

A comunidade é carente de investimento, de educação cultural e de mecanismos que fortaleçam o sentido de ser quilombola. É importante que haja iniciativas que motivem os moradores a querer que a comunidade se torne referência do que é ser uma comunidade quilombola. Na fala de alguns entrevistados a falta de união é o que mais dificulta o êxito dos projetos já realizados na comunidade, pois a comunidade já foi contemplada com vários projetos, musicais, danças, gastronômicos e artesanais que não segue adiante. Entretanto após as oficinas todos os ensinamentos adquiridos não são repassados.

[...] a gente tinha o projeto tambores que naquele momento em que trabalhamos esse projeto na comunidade ela trouxe um potencial para os jovens [n/é?] onde tinha a partir da musicalização e uma parte da dança e esse grupo ele foi formado com grande apoio da Universidade Federal na pessoa de Sergio Onofre e o projeto já estava [...] em um andamento total que o nosso jovem já estavam se apresentando em outros municípios [n/é?] e através desse incentivo da UFAL fez com que eles tomasse ainda mais o gosto, mas assim a própria comunidade esmoreceu diante do projeto enquanto a UFAL estava dando esse apoio eles ainda estavam mantendo essa cultura mas após o termino da execução do projeto a própria comunidade tinha que manter, mas infelizmente é por falta de talvez de apoio do município ou da

própria incentivo da comunidade o projeto ele teve uma parada [...] (ENTREVISTADO 06)

O relato do entrevistado 06, aborda sobre o projeto de extensão coordenado pelo prof. Sérgio Onofre da Universidade Federal de Alagoas, que coordenou o projeto junto com associação quilombola do tabuleiro, que tinha o intuito de resgatar a cultura afro através da música e da dança.

Observa-se que os moradores se dispersam rápido das atividades realizadas dentro da comunidade. Quando há incentivo externo os projetos tendem a se manter, mas quando a comunidade é deixada sozinha, os projetos não vão a frente, talvez por não ter investimento ou até mesmo não acreditarem no potencial que uma comunidade remanescente de quilombola possui com suas tradições, manifestações, identidade e pertencimento. Após ser questionado sobre as medidas que devem ser tomadas para incentivar o desenvolvimento da atividade na comunidade, os moradores alegaram que necessitam de apoio do município para desenvolver as atividades, oficinas para capacitar os moradores mostrando a importância que a comunidade possui com suas manifestações culturais e tradições. Alguns entrevistados também ressaltaram que a comunidade precisa fazer sua parte aderindo aos projetos, mostrar serviços mesmo que não tenham apoio externo e realizar reuniões para decidir quais meios serão necessários para desenvolver a comunidade tanto culturalmente como economicamente. Na entrevista de nº 01 o morador aborda as medidas que devem ser tomadas para o desenvolvimento da atividade.

[...] o investimento, que é sim investir mais nas práticas culturais que já existe, que é sim investir em questão de infraestrutura, porque investir em infraestrutura, investir em conhecimento, preparando os moradores eu acho que as pessoas teriam toda uma capacidade de receber essas pessoas teriam o entendimento de como desenvolver e como organizar toda uma atividade, [...]. (ENTREVISTADO 01)

Um dos principais pontos destacados nas entrevistas foi a falta de investimento dentro da comunidade e motivação dos moradores para desenvolver qualquer atividade que os beneficie. E quando questionado qual a melhor forma de desenvolver o TBC na comunidade, onde essa atividade é voltada para os moradores e são eles os protagonistas de toda ação da atividade, alguns entrevistados citaram vários elementos que podem ajudar a desenvolver a atividade no Tabuleiro. Dentre elas destaca-se reunir a comunidade para mostrar a importância do projeto, resgatar as atividades culturais que foram esquecidas, unir as lideranças capazes de

alavancar ainda mais a comunidade, fazer um mapeamento de tudo que a comunidade possui ou já possuiu, não trabalhar um turismo de massa, entre outros.

Essas foram as principais questões levantadas nas entrevistas. Os moradores têm uma visão ampla do que pode ser feito para desenvolver a comunidade só necessitam de apoio, e sobretudo acreditam que eles conseguem com a união de todos e vontade de fazer algo que fortaleça ainda mais a sua região.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por uma atividade turística de baixo impacto ambiental vem crescendo ultimamente e gerando emprego e renda nas comunidades receptoras. Nesse sentido o TBC, se configura como uma possibilidade para a comunidade Tabuleiro dos Negros, pois possibilitará a valorização e promoção dos aspectos culturais presentes na comunidade e dará suporte no implemento da renda dos moradores que sobrevivem majoritariamente da agricultura, e programas de transferência de renda do governo.

Além de beneficiar a comunidade receptora os turistas/visitantes terão oportunidade de experienciar os modos de saber e fazer que a comunidade apresenta e despertar nos autóctones o interesse em conservar e preservar o patrimônio cultural material (as casas de farinha, plantas medicinais, artesanato, etc.) e imaterial (o modo de saber e fazer, histórias do povoado, expressões linguísticas, etc.) podendo até mesmo restaurar algumas manifestações deixadas no passado, para que os turistas/visitantes possam conhecer mais sobre a trajetória do povo quilombola que mora na região.

No decorrer do trabalho, foi possível observar que a maneira como os moradores se relacionam com seu território e a organização social e cultural nele presentes, potencializam o desenvolvimento de atividades que podem beneficiar a comunidade. A forma como se dá esse reconhecimento como o território e a maneira de saber e fazer que os moradores possuem é uma característica que a comunidade abriga desde os tempos mais antigos e permanece forte em seu ciclo social.

Comunidades como estas, que possuem características próprias no seu modo de saber e fazer, e possuem potencialidades para o desenvolvimento de atividades voltadas ao turismo. E uma das ferramentas que podem ser trabalhadas dentro destas comunidades é o TBC, por se tratar de um mecanismo menos invasivo e ter a própria comunidade como mentora de todo processo do desenvolvimento da atividade.

Contudo apesar da comunidade possuir vários aspectos que podem ser trabalhadas para realização de um roteiro dentro da comunidade, alguns moradores não compreendem a riqueza dos elementos culturais que sua região possui, por se tratar de atividades que eles estão acostumados a realizar corriqueiramente como a mandiocada, o cultivo do milho, feijão, as manifestações religiosas, culinária, etc. E como a proposta do trabalho é saber se através dos elementos culturais da comunidade pode ser desenvolvida uma atividade no setor do turismo, alguns entrevistados desta pesquisa não possuíam a crença nessa atividade, pois a visão do turismo que possuem é de um turismo convencional e por acreditar que o turismo é baseado

apenas em equipamentos turísticos de grande porte como (hotéis, pousadas, restaurantes, etc.). Assim, não possuem um conhecimento do que realmente seja o turismo, sobre o TBC, onde a própria comunidade pode disponibilizar sua casa através de uma categoria que o turismo possui que é a hospedagem familiar conhecida como Cama & Café (Bed & amp; Breakfast) onde os proprietários do imóvel irão disponibilizar um quarto para estadia, acompanhado de café da manhã.

Diante das questões apresentadas neste trabalho, é possível identificar que a comunidade é portadora de um acervo cultural significativo para desenvolver uma atividade turística no local e com o TBC, essa atividade terá enfoque para ampliar o conhecimento que a comunidade possui sobre o turismo e principalmente fortalecer vínculos com outros moradores já que iram desenvolver essa atividade coletivamente.

Assim, acredita-se que aspectos culturais, que a comunidade ainda possui e proporciona atributos para o desenvolvimento de uma atividade turística com base o TBC por ser tratar de um território rico em manifestações culturais, gastronomia local e seu modo de ser e estar no território.

REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. **Estudo sobre as comunidades quilombolas de Alagoas**. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. – Maceió. 2015. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/comunidades-quilombolas-de-alagoas/resource/fb22bfa6-e7fb-4496-bc06-abe2d26974f3>. Acesso em: 21 out. 2022.
- ALEXANDRE, L. M. de M. **(Re) invenção do Turismo de Base Comunitária no litoral sul sergipano: turismo e economia criativa como elos de gestão participativa**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- ARAÚJO, Ana Lúcia. Escravidão, realeza e racismo: representações da África no carnaval brasileiro. **Etnologias**, vol. 31, n. 2, 2009, p. 131+. Gale Academic OneFile, Disponível em: <https://linkgale.ez9.periodicos.capes.gov.br/apps/doc/A221761010/AONE?u=capes∓sid=AONE∓xid=af41bf10>. Acesso em: 2 jul. 2020.
- ARAÚJO, Laís Gois de. **A prática educativa da mandiocada nas comunidades quilombolas Tabuleiro dos Negros e Sapé – Alagoas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.
- BÔAS, Caio Henrique da Silva Vilas. **Educação popular e Turismo de Base Comunitária: processos de valorização do patrimônio histórico e cultural da Mata Escura, Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Edição Especial da Revista Palmares**, 2021. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?page_id=538#footer. Acesso em: 22 ago. 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 jan. 2022.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: Orientações Básicas**. Brasília, 2008.
- CHEIBUB, Michelle de Carvalho. **Patrimônio cultural e comunidades remanescentes de quilombos: direitos culturais e instrumentos de proteção do IPHAN**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Michelle_banca%20\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Michelle_banca%20(1).pdf). Acesso em: 22 nov. 2020.
- COSTA, Alisson Silva da. **Educar na tradição: diálogos com a comunidade quilombola Mesquita**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CRUZ, Valter do Carmo. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. *In*: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007. cap. 07, p. 93-122.

DOURADO, Auceia Matos. **Viver e pertencer: identidades e territórios nos assentamentos rurais de Sergipe**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

DUÉK, Ana. **Turismo étnico-afro: quilombos para visitar no Brasil**. 2020. Disponível em: Turismo étnico-afro: quilombos para visitar no Brasil. Acesso em: 18 nov. 2022.

FABRINO, Nathalia Hallack; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; COSTA, Helena Araújo. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**. vol. 16. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18472/cvt.16n3.2016.1178>. Acesso em: 22 nov. 2022.

FERNANDES, Saulo Lüders. **Itinerário terapêuticos e política pública de saúde em uma comunidade quilombola do agreste de Alagoas, Brasil**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-07102016-175716>. Acesso em: 23 nov. 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **(Re)tratos discursivos do sem-terra**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Menos de 1 em 10 terras quilombolas no Brasil recebeu título de posse**. Comissão Pró-índio de São Paulo. 2016. Disponível em: <https://cpisp.org.br/menos-de-1-em-10-terras-quilombolas-no-brasil-recebeu-titulo-de-posse/>. Acesso em: 20 ago. 2022

GARCIA, T. Turismo de base comunitária: uma nova oportunidade para a educação ambiental. **Revista Monografias Ambientais**, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/223613084254>. Acesso em: 17 nov. 2023

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society: outline of the Theory of Structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor. 2021.

MTUR. Ministério do Turismo. **Dinâmica e diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília. 2010. Disponível em: http://www.each.usp.br/turismo/livros/dinamica_e_diversidade_do_turismo_de_base_comunitaria.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022

NUNES, Mirelle Barcos. MENEZES, Magali Mendes de. **Turismo de base comunitária: a reconstrução de identidades desde a experiência do encontro**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/download/19441/17989/33177>. Acesso em: 07 nov. 2022.

O'DWYER, Gisele; MATTOS, Ruben Araújo de. Teoria da estruturação de Giddens e os estudos de práticas avaliativas. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, p. 609-623, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v20n2/a15v20n2.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. **Identidade cultural**. 2010. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>, Acesso em; 21 nov. 2021.

SANTOS, Adrian Estácio dos; DOURADO, Auceia Matos. **“Somos uma comunidade quilombola e gora?”: Percepção e representatividade do reconhecimento da comunidade Tabuleiro dos Negros como remanescentes de quilombo**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic Cnpq/Ufal/Fapeal, 2022.

SALES, Giovana Patrícia dos Santos. ALBUQUERQUE, Helder Neves de. CAVALCANTI, Mário Luiz Farias. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. 2009. Disponível em: <http://joaootavio.com.br/bioterra/workspace/uploads/artigos/6bomfim-515651b928777.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SCÓTOLO, Denise. NETTO, Alexandre Panosso. **Contribuições do turismo para o desenvolvimento local**. *Cultur: revista de cultura e turismo*. V.9. 2015. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SEBRAE, Cartilha. **Turismo de Experiência**. 2015. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf. Acesso em: 04 jun. 2022.

TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de cultura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. v. 7. n. 18. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br>. Acesso em: 05 jun. 2022.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
UNIDADE EDUCACIONAL PENEDO
GRADUAÇÃO EM TURISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Turismo

**POTENCIALIDADE DOS ASPECTOS CULTURAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA COMUNIDADE REMANESCENTE
QUILOMBOLA TABULEIRO DOS NEGROS, MUNICÍPIO DE PENEDO/AL**

Roteiro de Entrevista

Entrevista n°: _____

Data: _____

Dados do entrevistado

1. Nome completo:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Escolaridade:
5. Local de nascimento:
6. Local de origem da família:

Questionário

1. Quais são os principais aspectos culturais presente na comunidade?
2. Dentro eles (aspectos culturais, experiências, rotinas) podem ser explorados para compor um roteiro turístico tendo como base o TBC.
3. Qual o período (ou períodos) mais adequado para o desenvolvimento dessa atividade na comunidade?
4. Quais os benefícios que esse tipo de turismo pode trazer para a comunidade?
5. A comunidade está preparada para receber esse tipo de turista/visitante? E a infraestrutura é adequada?
6. Quais as principais dificuldades que podem ser encontradas no desenvolvimento da atividade?
7. Que medidas podem ser tomadas para incentivar o desenvolvimento da atividade na comunidade?
8. Qual a melhor forma de desenvolver o TBC na comunidade?

APÊNDICE B – Termo de Concessão de Informações

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
UNIDADE EDUCACIONAL PENEDO
GRADUAÇÃO EM TURISMO**

Termo de Concessão de Informações

Estou ciente dos objetivos do trabalho de conclusão do curso de Turismo, para obtenção do grau de Bacharelado em Turismo, intitulado “**Potencialidade dos aspectos culturais para o desenvolvimento do turismo na comunidade remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros, município de Penedo/Al**”, realizada pelo discente **Gilvanete Santos Vieira**, do Curso de Turismo da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional Penedo, tendo como orientadora a Prof.^a. Dr.^a. Auceia Matos Dourado. Autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Autorizo ainda a divulgação da minha imagem e/ou informações por mim prestadas. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Assinatura do entrevistado (a)